

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA  
CURSO DE FILOSOFIA

Frederico Gonçalves

## **ASPECTOS DA NATUREZA HUMANA**

Ouro Preto

2017

**Frederico Gonçalves**

## **ASPECTOS DA NATUREZA HUMANA**

Monografia apresentada à  
Universidade Federal de Ouro Preto  
– UFOP como requisito parcial para  
a obtenção do título de bacharel em  
filosofia.

Orientador: Prof. Ms. Desidério  
Orlando Murcho.

Coorientadora: Profa. Dra. Luciana  
Crivellari Dulci

Ouro Preto

2017

G635a Gonçalves, Frederico.

Aspectos da natureza humana [manuscrito] / Frederico Gonçalves. - 2017.

56 p.f.:

Orientador: Prof. MSc. Desidério Orlando Murcho.

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. MSc<sup>a</sup>. Luciana Crivellari Dulci.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Filosofia, Arte e Cultura. Departamento de Filosofia.

1. Sentidos e sensações. 2. Experiência. 3. Corpo humano (Filosofia). 4. Dança. I. Murcho, Desidério Orlando. II. Dulci, Luciana Crivellari. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU: 1

Catálogo: [ficha@sisbin.ufop.br](mailto:ficha@sisbin.ufop.br)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA**

Monografia intitulada "**Aspectos da Natureza Humana**", de autoria de **Frederico Gonçalves**, apresentada em sessão pública e aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:



Prof. Me. Desidério Orlando Figueiredo Murcho - orientador - UFOP



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Crivellari Dulci - coorientadora - UFOP



Prof. Dr. Hélio Lopes da Silva - UFOP

Ouro Preto, 30 de Agosto de 2017

Dedico este trabalho às mulheres de todo o mundo que, com a sua força e coragem mudaram os rumos das sociedades das quais participam; à minha Mãe Maria, que sempre esteve ao meu lado; ao meu Pai Joaquim (in memoriam), que me ensinou o valor da educação e do conhecimento; à minha avó Maria de Lourdes e ao meu avô Nêgo Evaristo, que propiciaram uma infância rica de experiências lúdicas; às minhas irmãs e irmãos, pelos laços que nos unem; ao bailarino Igor Xavier (in memoriam) que influenciou as minhas escolhas artísticas; ao artista e amigo querido Afrânio Queiroz que, à frente da vanguarda da arte montesclareense possibilitou experiências que mudaram a minha perspectiva das coisas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que diretamente ou indiretamente tiveram relação com o presente trabalho. Aos meus familiares e amigos pelo apoio, compreensão e carinho. À amiga Leandra Ramin, pela amizade regada a risos e conversas edificantes e pelo apoio nos momentos difíceis. Ao amigo de curso Renan Marcel, pelo carinho e papos filosóficos. À amiga Emmanuelle Branco, pelos papos regados a chimarrão e parceria. Aos amigos queridos da ocupação, que com coragem e ternura deixaram sua marca na história do IFAC e no meu coração. Ao amigo querido Leonardo Tadeu, que tanto me incentivou a ingressar na universidade. À amiga Liza de Freitas, pelo amor e pelo carinho de sempre. Ao amigo querido Gabriel Neistein, pelos comentários estéticos e pela atenção dispensados a este trabalho. Ao amigo Andrés Testagrossa, que me deu ouvidos em momentos sombrios. À minha amiga e coorientadora Luciana Dulci, que acreditou, incentivou e apoiou-me em todas as etapas da vida universitária. Ao professor e orientador Desidério, que com rigor ensinou-me a voar com minhas próprias asas. À professora Imaculada, que incentivou as minhas experiências com a arte da dança. À amiga e professora de dança Carla Gontijo, que me acolheu na sua escola e mudou o meu olhar sobre o corpo e a dança. Aos professores e funcionários do Departamento de Filosofia da UFOP, pelo carinho e respeito.

“O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência.  
Nem uma culpa como nos fez crer a religião. O corpo é  
uma festa. ”

Eduardo Galeano

## RESUMO

Este ensaio versa principalmente sobre dois aspectos da vida humana: o aspecto biológico e o sociocultural. Pretendo examinar como estas duas dimensões da existência humana influenciam o nosso modo de ver o mundo, de maneira que os seus objetos adquiram sentido. O foco é na experiência, por via dos sentidos. Assim, busco oferecer razões para defender que a experiência precede a inteligência. Descartes destituiu o corpo de inteligência, relegando-a ao plano imaterial da mente. Este ensaio deseja devolver ao corpo a sua integralidade ao lançar luz sobre a relação que existe entre os órgãos dos sentidos e as dimensões interior e exterior da existência humana. Veremos como que, desde os primeiros anos de vida, a experiência sensorial determina a formação do cérebro e como a vida em sociedade determina os valores, regras e princípios que regem os indivíduos, por meio de uma imposição social. Além disso, veremos como o corpo é tanto uma construção cultural quanto um organismo biológico. Por fim, examinaremos como a experiência artística, especialmente a dança, pode produzir um tipo de experiência libertadora por apelar à imaginação e por ter como fundador o movimento, um dos princípios universais que rege tudo o que vive.

**Palavras-chave:** Sentidos – experiência – corpo - cultura - dança.

## ABSTRACT

This essay cross over mainly about two human's life aspects: the biological and the sociocultural aspects. It pretends investigate how this two dimensions of human's existence influence our own perspective of the world, in a way to attribute signification to the objects of it. The focus is in the experience, by way of senses. Therefore, I try to offer reasons to defend that the experience precedes the intelligence. Descartes took away the intelligence of the body relegating it to the immaterial mind's dominion. This essay pretends to give back to the body your integrality by launching lights over the relation between the sense organs and the exterior and interior dimensions of human's existence. It will show up how since very early in life, the sensory experiences determines the brain formation and, how society determines the values, rules and principles the conduct the individuals, by social impositions. Besides that, we'll see that the body is a cultural construction, as much as a biological organism. At the end, we'll see how the artistic experience, mainly in dance, can produce a kind of liberator experience, because it appeals to the imagination and, also for having the movement as your foundation, one of the universal principles that rules everything that lives.

**Keywords:** Senses – experience – body – culture - dance.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
1.1. Ver com outros olhos.....	01
1.2. Sobre os contornos.....	03
<b>2 OS SENTIDOS DA VIDA.....</b>	<b>07</b>
<b>3 TENHO UM CORPO E PENSO, LOGO EXISTO.....</b>	<b>10</b>
3.1. Sobre os sonhos.....	17
<b>4 A FÉ NO CORPO.....</b>	<b>19</b>
<b>5 O COMEÇO DA VIDA.....</b>	<b>21</b>
<b>6 O SENTIDO DA VISÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>7 A EXPERIÊNCIA SOBERANA.....</b>	<b>29</b>
<b>8 O CORPO NA SOCIEDADE.....</b>	<b>31</b>
<b>9 A SANTÍSSIMA TRINDADE DO CORPO.....</b>	<b>41</b>
<b>10 CONCLUSÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>11 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1. Ver com outros olhos

Sentado sob uma árvore, nos jardins da filosofia, observo a paisagem barroca mineira à minha frente. Com o caderno aberto sobre o colo e a caneta em punho, ensaio um voo solo sobre o meu próprio ponto de vista da relação entre a visão e o espaço a respeito da paisagem que me cerca. Tal relação é fundamental para a filosofia, as artes e a ciência, assim como para a vida de um modo geral. O intuito deste pequeno preâmbulo é introduzir as ideias que povoam minha cabeça e que pretendo examinar, com cautela, mais adiante.

Vejo árvores, casas, igrejas, montanhas, nuvens, céu, terra, cavalos pastando ao longe, carros e pessoas movendo-se, os objetos ocupando o espaço. Vejo-os nitidamente e consigo até distinguir os seus contornos, imaginando uma linha contínua e invisível que demarca a área ocupada por cada objeto na paisagem que vejo, e que não os deixam misturarem-se uns com os outros. Porém, há na mesma paisagem, coisas como os átomos, os germes, o ar, que meus olhos não podem ver, assim como não veem os contornos. Mas hoje, graças à ciência, podemos ver parcialmente essa outra realidade invisível, por meio de sofisticados dispositivos construídos para aumentar o alcance de nossas limitadas lentes naturais.

Voltando aos contornos, eu não os vejo literalmente, mas ao olhar os objetos da paisagem, interpreto que há neles contornos. Não posso ver os contornos das coisas, mas sei que estão lá, é quase como se eu os visse, pois faço uma interpretação daquilo que está diante dos olhos. Mas então, o que há nas coisas, que me sugerem que há nelas contornos uma vez que não vejo os contornos? Pode ser o fato, de que os objetos não se misturam uns com os outros ocupando cada um deles uma porção bem distinta do espaço, de modo a se criar entre eles fronteiras bem definidas. É na fronteira entre os objetos que se desenha o contorno, para demarcar uma área, dando-lhe uma forma.

A palavra contorno exprime um conceito, a saber, o conceito de contorno. O conceito por sua vez é uma entidade mental abstrata. Apesar de

não ver os contornos, quando estou olhando para um objeto interpreto-o como se possuísse um contorno, pois não há um objeto físico no mundo que seja contorno. Esse objeto existe somente na mente. Somos nós que criamos mentalmente uma representação linguística para vermos entre outras coisas invisíveis, os contornos. Parece haver então, misturados à realidade visível, pelo menos outros dois mundos invisíveis: o mundo dos conceitos, que são abstrações mentais e o mundo das matérias microscópicas. Não posso ver os contornos, porque eles não estão lá, fisicamente falando. Mas, posso vê-los com outros olhos, com os da imaginação; essa extraordinária capacidade que temos para representar, evocar, formar e criar imagens, mesmo na ausência do objeto representado. Se a mente humana possui alguma espécie de poder, a imaginação é certamente um deles. Nós temos o poder de imaginar e criar os contornos inteligíveis da realidade sensível.

Quando imagino os contornos das coisas, estou vendo com outros olhos, com os olhos da mente, porque posso criar um conceito, uma imagem mental de contorno, através da razão e da imaginação. A razão, enquanto o ato de pensar racionalmente sobre as coisas existentes e as que não existem mas poderiam ter existido, e as coisas que tem um modo de existência invisível, como os contornos. E a imaginação, que é o ato de representar imagens antes percebidas ou originais, mesmo na ausência do objeto representado. Para tanto, a razão e a imaginação, devem trabalhar juntas, uma a serviço da outra, e as duas a serviço da vida humana. Tal qual uma câmera que captura a imagem de um breve instante. A razão é a objetiva da câmera, que enquadra e foca os objetos e pode dispor de vários recursos de precisão. A imaginação, por sua vez, é o olhar subjetivo da mente do sujeito por trás do visor que escolhe os elementos da cena e dispara o click. A realidade é o resultado do processo racional e do processo imaginativo, ou seja, uma criação da mente através da razão e da imaginação, feita da matéria mais prima de todas: a vida. Não estou falando da realidade em si mesma, mas da realidade que cada um cria para si a partir da sua visão do mundo. Obviamente, o planeta terra e todo o resto do universo já existia antes de nós chegarmos aqui com nossa pretenciosa razão e pouca imaginação. Mas, quando olhamos para o mundo cada um o vê de uma perspectiva diferente, criando assim cada qual realidades diferentes. Agora, a realidade em si mesma é outra coisa, não depende de nós

para existir. Assim, a realidade que cada um vê, diz muito mais a respeito do modo como olhamos e vemos o mundo e da nossa posição nele, do que sobre o mundo em si mesmo.

Agora, suponho que quando vejo algo físico no mundo sensível, na verdade vejo com dois pares de olhos, um par da razão e o outro par da imaginação, um físico e outro abstrato, um sensível e outro inteligível, assim como a realidade que eles observam. Com o olho visível vejo as coisas sensíveis, ou seja, as coisas materiais (mesmo que para isso seja preciso um microscópio) e com o olho invisível vejo as coisas inteligíveis, ou seja, as ideias e pensamentos, e os dois juntos formam uma única visão de mundo. Quando imagino algo, seja uma paisagem, um beijo apaixonado, um conto de fadas ou um contorno, também estou de certa maneira usando a razão, pois a imaginação também é uma faculdade da cognição, ou se preferirmos, da razão. Pois no ato de imaginar temos que nos referir à memória, uma faculdade da razão, e lá estão guardadas todas as experiências vivenciadas através dos sentidos da percepção. Na medida em que o ato de imaginar envolve uma operação da mente, a imaginação também é uma faculdade da cognição humana tanto quanto a razão.

## **1.2. Sobre os contornos**

A ideia de contorno, assim como todas as outras ideias da mente, ou pelo menos quase todas, deriva da experiência. Podemos observar os contornos nas artes visuais, como o desenho e a pintura. Nessas representações, utiliza-se o lápis, o giz ou o pincel e a tinta para fazer surgir na folha em branco a forma de algum objeto que observamos no mundo, e que gerou uma impressão, que por sua vez gerou a ideia daquele objeto na mente. Entendo por impressão, todas aquelas coisas que derivam da experiência e que são percebidas pelos sentidos externos ou internos. Como os cheiros, as imagens, as texturas, os sons, os sabores e coisas como dor, fome, sede e coisas que tais. Diferentemente, de Hume<sup>1</sup>, que pretendia um conceito muito amplo de impressões. “Impressões são as nossas percepções mais vívidas,

---

<sup>1</sup> Filósofo, historiador e ensaísta britânico, nascido na Escócia que se tornou conhecido por seu empirismo radical e seu ceticismo filosófico.

sempre que ouvimos, ou vemos, ou sentimos, ou amamos, ou odiamos, ou exercemos a nossa vontade” (HUME, 2003, p.34).

A forma é a ideia de uma impressão sensível representada no papel ou na tela por meio de linhas que circunscrevem os contornos do objeto. Desse modo, os contornos residem nas extremidades do objeto, sendo o seu interior preenchido pela ideia que os representam. Assim, se represento uma casa, basta que delimite os contornos para que o desenho tome a forma de uma casa e o interior do contorno seja preenchido por um espaço delimitado que se assemelha a uma casa. É exatamente isso o que faz o arquiteto quando concebe a ideia de uma casa ou edifício, ele delimita os seus contornos para dar forma à ideia que tem em mente. A ideia que ele tem em mente por sua vez, origina-se da sua experiência com casas e edifícios reais, ou dos livros ou do cinema, mas ainda assim da experiência dos autores e cineastas.

Seguindo os passos de Hume, todas as nossas ideias são uma cópia das nossas impressões tiradas da experiência. Ou quase todas. Se isso realmente for verdadeiro, deve haver alguma coisa no mundo que deu origem à ideia de contorno, a saber, uma impressão sensível.

Talvez, a impressão da qual originou-se a ideia de contorno, seja a experiência que temos de algo que está dentro de uma área delimitada, por exemplo, a área ocupada por uma árvore. Aquilo que está dentro da área que a ocupa é o seu recheio, ou seja, as propriedades que a tornam árvore, e estão contidas dentro de certos limites que a definem e lhe dá uma forma. O verbo tornar, por sua vez, quer dizer, transformar-se em algo a partir de um estado anterior ou a conversão de algo em outra coisa. Por exemplo, a semente tornou-se árvore, ou, o aluno tornou-se professor.

Assim, ainda na trilha deixada por Hume, a ideia de contorno nasce da associação entre duas ideias. A ideia de conter e a ideia de tornar, que surge das experiências que podemos ter de uma área que contém algo e de alguma coisa que se transforma em outra. Junta-se essas duas ideias e obtemos contornar, de onde advêm a palavra contorno. “É evidente que há um princípio de conexão entre os diversos pensamentos ou ideias da mente, e que, ao surgirem à memória ou à imaginação, eles se introduzem uns aos outros com um certo grau de método e regularidade” (HUME, 2003, p.41).

Ao que parece, a ideia de contorno surge a partir de algo que está contido num perímetro e de algo que se converte em outra coisa, impressões que geram a ideia de contornar. Contornar, por sua vez, quer dizer voltar ao ponto de partida. De fato, um contorno só se efetua quando se retorna ao ponto inicial, delimitando um perímetro que contém um espaço bem definido.

Agora estamos numa posição melhor para “ver” os contornos. Só é possível vê-los sensivelmente nos desenhos e pinturas, ou inteligivelmente na junção das ideias de conter e de tornar, que juntas formam o verbo contornar. Os contornos, portanto, parecem ter dois tipos de existência uma física e outra metafísica. Contudo, a sua fisicalidade está ainda atrelada a uma representação de uma ideia da mente, que se origina de uma impressão sensível.

Somos capazes de imaginar os contornos circundando as formas dos objetos do mundo encerradas em certos limites. Mas, não é possível apontar nos objetos sensíveis contorno algum porque eles não estão lá. Eles estão nas experiências que temos do mundo, nas impressões que ela nos causa e na junção das ideias oriundas dessa impressão.

Suspeito que a existência dos contornos se dá na nossa própria mente e, como a mente não está desvinculada do corpo, também no nosso próprio corpo, através de impressões e ideias. Então a frase, “nós temos o poder de imaginar e criar os contornos inteligíveis da realidade sensível, agora me parece digna de algum crédito. Isso significa que, somos capazes de criar uma ideia na mente para cada coisa que existe no mundo, e assim delimitar os contornos dentro dos quais cada coisa pode existir. Em alguns casos, através da associação entre várias ideias criamos uma nova ideia. Como no caso dos contornos da paisagem. Pois contorno é algo inteligível, ou seja, uma ideia da mente, que tem sua origem em uma impressão sensível causada por uma experiência do corpo com o mundo. Para ver que isto é assim, basta procurarmos entre os limites das formas sensíveis algo que seja um contorno, se encontrarmos, então, estas breves considerações se mostrarão inúteis.

Mas, alguém objetou que se tratando dos contornos o tato é o principal sentido através do qual percebemos melhor os contornos, e só depois de ganharmos essa informação pelo tato coordenamo-la com a informação visual. Isto parece fazer sentido. De fato, se me pedissem para definir o contorno de

um certo objeto, eu poderia fazê-lo facilmente tateando o objeto. Além, de usar as mãos eu também estaria olhando para o objeto o que tornaria tudo mais fácil. Agora, se me pedissem para definir os contornos de um objeto de olhos fechados, a coisa fica um tanto mais difícil. Mas, ainda assim eu poderia fazê-lo, dependendo é claro do tamanho do objeto. No caso dos objetos menores não haveria problema, agora no caso de objetos muito grandes, essa tarefa se revelará impossível. Imagine, se tivesse que definir os contornos de um edifício, de uma árvore frondosa ou de uma montanha? Seria impossível defini-lo apenas tateando, inevitavelmente eu tenho que me valer da visão para completar essa tarefa. Outra curiosidade, é que não saímos por aí tateando os objetos por onde passamos, mas mesmo assim conseguimos definir visualmente os contornos de modo a nos deslocar adequadamente e em segurança. Por exemplo, consigo distinguir os contornos que separam a calçada da rua, ou os contornos entre um assento e outro no ônibus, ou entre um degrau e o outro. Mesmo, que eu não seja capaz de visualmente definir o contorno de toda a rua por ser um objeto muito extenso, eu posso definir parte dele, o bastante, para distinguir entre rua e calçada. Quando observo a lua cheia, posso definir o seu contorno circular, mas mesmo que quisesse não poderia ter uma impressão tátil da lua.

Assim, eu discordo que o tato seja o principal sentido para definir os contornos. Eu diria, que tanto o tato quanto a visão são importantes para definirmos os contornos dos objetos, dependerá do tamanho do objeto. Creio, que a visão ainda é mais relevante, porque visualmente eu posso definir os contornos tanto dos objetos grandes como dos objetos pequenos. Com o tato eu só posso definir os contornos dos objetos pequenos ou médios. Com a visão posso definir os contornos de objetos a uma certa distância, com o tato só posso definir os contornos daqueles objetos ao alcance das minhas mãos. Com a ajuda de um microscópio, posso definir os contornos de uma célula, com o tato isso jamais seria possível.

Para os propósitos deste trabalho, pretendo investigar a relevância dos sentidos externos para que as coisas da vida humana, como a paisagem e os seus contornos e conseqüentemente algumas atividades façam sentido para nós; com uma ênfase especial para o sentido da visão; a visão da retina e a visão da mente, tal qual busquei demonstrar brevemente neste prólogo. A visão

sensível representando o papel da experiência e a visão inteligível representando o papel das ideias da mente atuando juntas no espetáculo do conhecimento. Razão e imaginação, estes poderes humanos de olhar e ver as coisas sensíveis e inteligíveis e a sua relação com o mundo das formas e das ideias. Este estudo e as reflexões sobre as questões dos sentidos, durante o próprio ato de investigar e após a sua conclusão, anseiam em produzir algum sentido à vida desse humilde estudante que vos escreve e quiçá às demais vidas que por ventura cruzar pelo caminho.

## **2 Os Sentidos da vida**

Ao aproximar-me da linha de chegada dessa etapa da corrida por conhecimento, ousei tomar outro caminho diferente daquele que estava previsto. Em vez de limitar-me apenas a expor e explicar as ideias de algum célebre pensador, decidi pensar por mim mesmo, sobre o tema dos sentidos da percepção, dialogando com aqueles pensadores que também refletiram e escreveram sobre esse tema e dessa forma fortalecer os meus próprios pensamentos.

Primeiramente, porque desejava desfrutar mais do próprio caminho em si, pois sendo mais sinuoso do que o outro, reservava-me mais surpresas do que o outro reto, do qual todas as coisas adiante podiam ser previstas. Em segundo lugar, porque tal como me advertiram alguns ilustres intelectos, era mais vantajoso e fácil partir de observações que eu mesmo pudera constatar, do que a partir do pensamento alheio sobre o qual nada sei que seja tão vívido quanto os meus próprios. As matérias e os argumentos aqui expressos não vieram de outra fonte, senão, da experiência própria dos anos de vida e dos anos de estudos dedicados a filosofia e as artes. Por esse motivo, este ensaio será na primeira pessoa, pois apenas posso dizer sobre aquilo que vivi e sobre as impressões que o mundo me causou, sobre as experiências alheias nada posso pronunciar. Assim, este ensaio versa sobre a minha própria visão do mundo. Visão que, entretanto, não deixa de ser formada a partir da relação que se estabelece com as demais. Tanto das visões do senso comum, pois é dela que se originam todas as demais, quanto das visões dos mestres do passado e do presente, que me ensinaram a ver na multiplicidade dos fenômenos e

acontecimentos, que a nossa vida é constituída de múltiplas visões e perspectivas.

Os nossos sentidos são como as janelas, portas e antenas do nosso corpo e caso não existissem seríamos prisioneiros de nós mesmos. Não somente nada de fora poderia nos adentrar, mas também nada de dentro poderia sair. O que isso significa é que não seria possível experimentar as coisas do mundo sensível, assim como não seríamos capazes de modificar o mundo sensível a partir das nossas ações, que são guiadas segundo a visão sensível conjuntamente com a visão inteligível que temos do mundo. A visão inteligível só é possível graças à visão sensível que a precede e nisso consiste a sua relevância. O que quero dizer, é que é o mundo físico, os sentidos, e a experiência que obtemos através deles é que criam a inteligência.

Então, por exemplo, se Alexander Fleming<sup>2</sup> fosse cego talvez ele não tivesse descoberto a penicilina. Contudo, apesar da cegueira, Fleming poderia ter estudado medicina, e implementado a pesquisa que o levou a descobrir a penicilina, nesse caso, ele teria que valer-se da visão de um assistente, para fazer as observações. Mas dado às circunstâncias acidentais em que o fungo *Penicillium* foi descoberto, talvez o seu assistente não tivesse o mesmo espírito científico de Fleming, e ao observar que a cultura de bactérias, na qual trabalhavam estava mofada, poderia ter considerado aquele projeto fracassado e simplesmente recomeçaria um novo projeto sem dar nenhuma importância ao mofo que cresceu ali. A descoberta foi acidental quando Fleming estava pesquisando outro tipo de substância capaz de combater bactérias em feridas e, ao sair de férias, esqueceu a sua pesquisa sobre a mesa. Ao retornar a encontrou tomada por mofo, mas achou curioso que em volta da área onde cresceu o mofo haviam halos transparentes indicando que poderia haver ali alguma substância bactericida. Fleming sabia disso, devido aos seus conhecimentos científicos, talvez o seu assistente não possuísse os mesmos conhecimentos, e assim, não relacionaria os halos transparentes à nenhuma substância bactericida. Mas, mesmo que tivesse acontecido dele ter descoberto a penicilina sendo cego, com a ajuda do seu assistente, naquela ocasião, em todo o caso ele precisaria valer-se do sentido da visão, no caso,

---

<sup>2</sup> Médico inglês nascido na Escócia em 1881, que descobriu a penicilina. Antibiótico descoberto através da substância que se movia em torno de um fungo da espécie *Penicillium notatum*.

da visão do seu assistente. Sem a ajuda desse sentido, ele poderia nunca ter descoberto a penicilina.

A posição que pretendo sustentar neste breve ensaio é a de que os sentidos oferecem as condições fundamentais para aquisição de todos os tipos de conhecimento, e para atribuir sentido às coisas e às atividades que realizamos na vida quaisquer que sejam elas. Tal como foi demonstrado no exemplo anterior. E isto seria assim, porque os sentidos são a fundação da cognição humana sem a qual nenhum conhecimento seria possível. Uma vez que os sentidos são os mecanismos de percepção do corpo, sou levado a pensar que é o corpo a sede do conhecimento.

Quando se fala em sentidos, normalmente temos em mente os cinco sentidos tradicionais: visão, audição, olfato, paladar e tato. Contudo, hoje, graças ao progresso científico, descobriu-se que o corpo dispõe de mais sentidos do que esses tradicionais, essenciais para a saúde e para a vida em geral. Contudo, existem ainda outros sentidos humanos, “que nós desconhecemos, mas são extremamente importantes para a nossa vida cotidiana” (CICHON, 2013).

Eu próprio não estava ciente desses outros sentidos do corpo até agora e só vim a descobrir a existência deles já quase na fase final desse trabalho. De modo, que não estou em condições de pronunciar sobre o assunto com propriedade. A minha própria investigação desses demais sentidos, no entanto, será adiada para um futuro próximo. De modo que este trabalho versa apenas sobre as experiências que podemos ter a partir dos cinco sentidos externos tradicionais, pois foi apenas com esses sentidos em mente que empreendi este trabalho.

Alguns deles são: senso de plenitude, é o sentido que nos diz quando estamos satisfeitos e devemos parar de comer. Senso de temperatura, auxilia o corpo a ajustar-se às mudanças de temperatura do ambiente. Níveis de oxigênio, ajudam o corpo a controlar o nível de oxigênio e dióxido de carbono. Zona de disparo do quimiorreceptor hermético, este é o sentido que diz ao corpo quando é preciso vomitar. Senso magnético, é o sentido do senso de direção com base em receptores magnéticos. Senso de equilíbrio, controlado pelo ouvido interno, mas é uma sensação diferente da audição. Coceira, indica que há algo de errado com a pele. Nocicepção, é o sentido que permite que se

sinta dor. Passagem de tempo, permite sentir o tempo passando. Propriocepção, sentido de localização corporal, dos braços e das pernas em relação ao resto do corpo.

### **3. Tenho um corpo e penso, logo existo.**

Ora, todo o conhecimento, por mais sofisticado que seja, tem que partir de algum lugar. Suspeito que esse lugar seja o corpo, porque é o corpo que sente, e só depois essas sensações se tornarão ideias e pensamentos. Penso que só se vive e conhece efetivamente através de um corpo, pois sem corpo não há vida. Consequentemente, se não há corpo, não há vida, se não há vida, não há impressões, se não há impressões, não há ideias, se não há impressões nem ideias, não há conhecimento. Logo, sem corpo não há conhecimento.

Admitirei de pronto, que o corpo é uma realidade tangível que nos permite existir. Na contramão do cogito cartesiano, “penso, logo existo”, assumirei, que, “tenho um corpo, logo existo”. Evidentemente, como qualquer outro ser humano, posso estar enganado e esta afirmação revelar-se uma falsidade. Contudo, por ora, estou convencido de que é verdadeira, e reunirei os esforços necessários para fazer ver que é assim. Não discutirei aqui todas as dúvidas céticas sobre a existência ou não dos corpos, pois ultrapassaria o escopo desse trabalho. Contudo, para sustentar tal ideia, deverei enfrentar aquela principal objeção que se levanta contra mim, a saber, o cogito cartesiano, “penso, logo sou”.

Descartes, na sua busca pela verdade, concebeu como método cético tomar por falso todas as coisas que existem. Assim, supôs que todo o conhecimento derivado dos sentidos, tratavam-se de falsidades tomadas como verdadeiras. Contudo, ele enquanto algo que pensava sobre todas essas coisas, tinha necessariamente que ser algo e disso não poderia estar enganado. Supôs também que para pensar não precisaria de ter um corpo e que era possível ser sem existir, efetivamente, em algum lugar do mundo. Assim, conclui que a sua essência era o pensamento, e que disto não poderia estar enganado.

Depois, examinando com atenção o que eu era e vendo que podia fingir não ter nenhum corpo e não haver nenhum mundo e nenhum lugar onde estivesse; mas que nem por isso podia fingir não ser; e que pelo contrário, exatamente de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas seguia-se com toda evidência e certeza que eu era; ao passo que, se eu parasse de pensar, ainda que fosse verdadeiro todo o resto do que havia alguma vez imaginado, não teria nenhuma razão para crer que eu tivesse sido; a partir daí soube que eu era uma substância de que toda a essência ou natureza não é senão pensar e que para ser não precisa de nenhum lugar nem depende de nenhuma coisa material (DESCARTES, 2013, p.32).

Descartes, não estava de fato comprometido com a inexistência de corpos, o seu verdadeiro intuito era ver se existia algo que resistia a dúvida. Se sim, isso serviria de fundamento para o edifício da ciência que ele pretendia erguer.

Ora, devo dizer que não estou inteiramente de acordo com isto, pois ao meu ver, vai contra a ordem natural das condições de qualquer ser que reclama para si uma existência neste mundo. É difícil para mim conceber tal hipótese devido a sua implausibilidade. Um ser pensante que não tem um corpo remete a dúvidas ainda piores sobre a sua natureza. Dúvidas, por exemplo, semelhantes às dúvidas sobre a existência de Deus ou a existência de extraterrestres. Tais dúvidas são devidas à ausência de evidências científicas sobre a existência de Deus ou dos extraterrestres e, de modo análogo, um pensamento que dispense a existência de um corpo. Contrariamente, existem estudos sobre a teoria da formação do universo, o big bang e a existência dos dinossauros nos períodos triássico, jurássico e cretáceo, há mais ou menos 65,5 milhões de anos atrás. Posso conceber a existência efetiva de coisas que não vejo pois, apesar de não as ver, estou ciente da sua existência graças à sua materialidade, que pode ser comprovada cientificamente, como por exemplo, os átomos. Por existência efetiva entendo tudo aquilo que existe no mundo e que possui matéria. Duvidar dos sentidos parece razoável, pois apesar dos sentidos estarem no corpo, eles não são todo o corpo e só existem através dele, mas duvidar da existência do corpo para existir me parece algo absurdo.

Pois bem, o argumento que Descartes tem em mente é como se segue:  
Posso duvidar da existência do corpo sem contradição,  
Não posso duvidar da existência da mente sem contradição,  
Logo, eu não sou o meu corpo.

Este não é um bom argumento, por que do fato de eu poder duvidar da existência do corpo sem contradição, não se segue que eu não tenho um corpo e ainda menos que a essência do ser humano é imaterial. De modo análogo, do fato de eu duvidar da existência de extraterrestres não se segue que eles não existam. Do mesmo modo, do fato de eu crer que existam extraterrestres, não se segue que eles existam.

O erro de Descartes parece ser a tentativa de tirar verdades acerca da ontologia a partir de verdades epistemológicas ou, para colocar a coisa de maneira menos pomposa, de tentar deduzir conclusões acerca da *natureza real* da mente ou do eu pensante a partir de premissas acerca daquilo de que podemos ou não estar *certos*, ou de que podemos ou não *duvidar*. (COTTINGHAN, 1999, P. 29).

Descartes está convencido de que Deus é a razão para tudo o que existe de perfeito na matéria e tratou de demonstrar com todo o empenho os motivos que o conduziu a tal certeza. Feito isso, decidiu enganar-se voluntariamente fingindo que todas as suas “opiniões acerca dos sentidos, do corpo, da figura, da extensão, do movimento e do lugar eram apenas ficções do seu espírito” (DECARTES, 2012, p.83). Supõe também que em vez de Deus há no seu lugar um gênio maligno tão poderoso quanto, cuja única finalidade é enganar-lhe de todas as formas. Assim, todas as coisas exteriores seriam ilusões criadas pelo gênio maligno para iludi-lo e fazer-lhe crer numa falsa realidade. Se convence assim, de que não há nada de verdadeiro no mundo. Ao fazer isso, coloca em dúvida a sua própria existência. Ao se perguntar sobre se ele mesmo era alguma coisa, admite que sim. Pois, se ele mesmo pensa que se convenceu de alguma coisa, então ele não poderia não ser; e se o gênio maligno o engana, isso significa que ele era, pois se não o fosse, o gênio maligno não poderia enganá-lo. Desse modo conclui que a proposição “penso, logo existo” é necessariamente verdadeira, ou seja, é verdadeira em todos os mundos possíveis.

Se, como muitos agora creem, a atividade cerebral é um fato essencial para o pensamento, então, como isso afeta a cena imaginária na qual supõe que eu seja uma criatura incorpórea enganada por um demônio, que me leva a crer que possuo um corpo? A resposta tem de ser que o cenário alegado é incoerente pois, ao “tomar” o cérebro e todos os outros atributos corporais, “tomar-se-ia” também, por conseguinte, o pensamento”. (COTTINGHAN, 1999, P.31)

Apesar de Descartes ter se dedicado um tempo a estudar o cérebro, na época em que desenvolveu seus estudos ele não dispunha de instrumentos

científicos como os de hoje, que lhe possibilitasse fazer uma análise mais apurada da natureza do corpo e, conseqüentemente, dos pensamentos. “Aquilo em que Descartes insiste é que a natureza essencial do pensamento é completamente distinta do domínio material e poderia existir na ausência total de qualquer substrato físico”. (COTTINGHAN, 1999, p.26). Se ele pudesse saber o que hoje sabemos acerca dos processos químicos e elétricos que regem o cérebro talvez reconsiderasse a sua posição. Graças ao avanço da ciência pudemos descobrir muitas coisas sobre o ato de pensar que deixaria Descartes surpreso e numa posição um pouco difícil. Descobrimos, por exemplo, que o pensamento é o resultado de uma complexa rede neural que influencia o nosso comportamento e que cria os nossos pensamentos. “Assim, podemos dizer que a integração dos sinais neuronais é que resulta na elaboração da atividade mental, que nada mais é do que nossos pensamentos. São as conexões neurais as responsáveis pela formação do pensamento” (SIMONETTI, 2013).

Mas, imaginemos por um instante, que a hipótese cartesiana fosse possível, qual seja, a de que é possível ser sem um corpo e que o pensamento é algo que independe da matéria. É difícil de ver como isso é sequer possível, uma vez que até hoje ninguém jamais viu um pensamento, ou uma alma e por essa mesma razão tenho ainda mais motivos para duvidar de que tal hipótese seja possível. Nem mesmo se pudéssemos olhar dentro dos nossos cérebros não encontraríamos nenhum pensamento por lá, apenas a atividade neural que os formam, e os neurônios, por sua vez, que são a base para tal atividade, são feitos de matéria. Não sou capaz de conceber um pensamento sem um corpo, mas o seu contrário sim, ou seja, um corpo sem pensamento. Esse é o caso dos bebês que nascem com um defeito congênito conhecido por anencefalia.

A anencefalia é um defeito congênito, que atinge o embrião por volta da quarta semana de desenvolvimento, ou seja, numa fase muito precoce. Em função dessa anomalia ocorre um erro no fechamento do tubo neural, sem o desenvolvimento do cérebro. Quando ocorre algo assim, em 50% dos casos os bebês morrem ainda no útero. Dentre os que nascem 99% morrem logo após o parto e os demais sobrevivem poucos dias ou, no máximo, alguns meses. (GOLLOP, 2017, p. 01)

À luz dessas reflexões, percebo agora que um corpo sem pensamento só é possível numa certa medida, ou seja, é possível haver um corpo sem cérebro, mas isso significa que este corpo está condenado a uma vida

curtíssima. Ainda que existam chances de um ser anencefálico nascer, ele viverá em estado vegetativo e sem consciência por apenas alguns meses. Assim, devo reconsiderar os meus pensamentos sobre essa questão de forma a reconciliar-me em certa medida com Descartes e, em vez de “tenho um corpo, logo existo”, proponho uma conjunção: “tenho um corpo e penso, logo existo”. Visto que não pode existir pensamento sem corpo e corpo sem pensamento, respectivamente.

Assim, Descartes, depois de negar todos os atributos do corpo, se dedicou a investigar os atributos da alma, concluindo que o pensamento era o único atributo que realmente lhe pertencia e do qual não poderia duvidar. Acreditava ser uma coisa pensante, e que essa coisa cessaria de ser, se deixasse de pensar.

Passemos, pois, aos atributos da alma e vejamos se há algum que esteja em mim. Os primeiros alimentar-me e caminhar; mas, se é verdade que não tenho corpo, também é verdade que não posso caminhar nem me alimentar. Outro é sentir; mas tampouco podemos sentir sem o corpo; sem falar que antes pensei sentir muitas coisas durante o sono que reconheci ao acordar não ter efetivamente sentido. Outro é pensar, e descobro aqui que o pensamento é um atributo que me pertence: só ele não pode ser separado de mim. Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? Tanto tempo quanto eu pensar; pois talvez até possa acontecer que, cessando de pensar, ao mesmo tempo eu cesse completamente de ser. Agora não admito nada que não seja necessariamente verdadeiro: Não sou, portanto, precisamente falando, senão uma coisa pensante, ou seja, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação antes me era desconhecida. (DESCARTES, 2013, p. 85)

Assim, Descartes busca mostrar que a mente é imaterial e não depende de um corpo para existir. O filósofo usa o termo “*l’ame* (alma) e *l’espirit* (mente) de modo indiferente, para se referir ao que quer que seja consciente, ou pense – a coisa pensante (*res cogitans*)”. (COTTINGHAM, 1999, p.24). Conclui que o eu pensante consciente é inteiramente independente de qualquer coisa física e poderia sobreviver à destruição total do corpo.

Ora, não é isso o que nos mostram as informações citadas na página anterior. Sem o cérebro o corpo não consegue sobreviver, muito menos pensar, uma vez que o cérebro tem um papel preponderante em todas as funções do corpo. Corpo e cérebro são interdependentes. Um corpo sem cérebro tem pouquíssimas chances de ter uma vida e o contrário é ainda mais difícil, ou seja, um cérebro sem corpo é impossível de acontecer. Se não houvesse corpo não haveria cérebro, se não houvesse cérebro não haveria

pensamento, logo é o corpo que pensa. Descartes, não parecia estar ciente disso, ou seja, ao ponderar que ele mesmo não possuía um corpo, não poderia deduzir a partir disso, de que era uma “coisa pensante”, pois sem corpo não pode haver pensamento.

Ademais, considera ele que o espírito é superior ao corpo, porque através do primeiro pode-se conceber de forma muito mais distinta a natureza dos corpos. Tal é a submissão do corpo ao espírito na visão de Descartes, que aquelas coisas que dependem do corpo para se conhecer algo, ou seja, os sentidos, pensa ele que nem merecem ser levadas em conta. Toma como exemplo, um pedaço de cera e descreve seus vários atributos aos quais pode observar por via dos sentidos. Ao aproximar a cera do fogo, ela muda de forma, textura e sabor, modificando a sua aparência inicial. Diante desse fenômeno, conclui que o conhecimento que tinha da cera se dá pela inspeção do espírito, ou seja, através do entendimento. “(...), mas, eis que, enquanto falo, o aproximo do fogo: o que nele restava de sabor exala, o perfume evapora-se, muda a sua cor, perde a sua figura” (DECARTES, 2012, p.88). Assim, Descartes pensa que só podemos compreender aquilo que vemos com os olhos pela potência de julgar do espírito. Tal espírito por sua vez, consiste na *res cogitans*, ou seja, na coisa pensante, ou na mente incorpórea.

Pois bem, eu só seria capaz de conceder a razoabilidade dessa inferência, caso a mente não fosse incorpórea. Não posso conceber a maneira como Descartes subjuga o corpo à mente, a tal ponto, de nem sequer considerá-lo como constitutivo do processo de conhecer. E se ele supôs que poderia não ter um corpo, deveria ver como isso compromete absolutamente a existência do pensamento, pois sem um corpo para ver e sentir não há nada para ser pensado. Penso, ser mais sensato conceber o corpo e a mente como partes interdependentes de uma mesma coisa, visto que não pode haver mente sem corpo e vice-versa. Assim, como não pode haver um corpo, sem pulmão, sem coração ou sem estômago, não pode haver um corpo sem cérebro. Estas dimensões da nossa existência estão unidas e funcionam simultaneamente, se uma das partes é danificada, todo o resto tende a desmontar. O corpo é integral, não é possível decompor as suas partes, só podemos concebê-lo como sendo um só e único organismo, composto de várias partes, que operam

interdependentemente. Isso, para falar só do aspecto fisiológico, mas como veremos a seguir, o homem é muito mais do que um ser puramente biológico.

Imaginemos agora Descartes em frente à sua lareira a examinar o pedaço de cera. Suponhamos que num dado momento caem-lhe nos olhos faíscas chamejantes, provocadas pelo estalar da madeira queimando e ele perde a sua visão momentaneamente. De que forma agora poderia ele, apenas por intermédio do entendimento, conceber as propriedades mutáveis da cera? Destituído da sua capacidade de ver, ele não poderia julgar adequadamente sobre aquele pedaço de cera. Ainda que ele se valesse dos demais sentidos para ajuizar sobre a cera, sem a visão ele não poderia observar o objeto de modo tão distinto e claro. Penso, ao contrário de Descartes, que os sentidos são de importância vital para se chegar às verdades. Concordo com ele que os sentidos, por vezes, parecem nos iludir e não nos mostram a causa de coisa alguma. Mas, certamente, nos mostram os efeitos e indicam por onde começar a busca de compreensão para a causa de tal efeito. As hipóteses são produtos da observação por via dos sentidos. Pois se não pudéssemos sentir, nada haveria em nosso entendimento para julgarmos, porque tudo que está no nosso entendimento é produto das nossas experiências. Se não há experiência, não há dados dos sentidos, se não há dados dos sentidos, não há ideias e pensamentos, se não há ideias e pensamentos, então não há julgamentos. Logo, se não há experiência não há julgamentos. À medida que a ciência avança, o dualismo cartesiano e o edifício construído por Descartes vai sendo implodido, deixando cada vez mais evidente que a natureza essencial do eu não é nada de imaterial mas, ao contrário, pode ser algo material e muito provavelmente está fundada na capacidade do corpo humano de sentir, pensar e agir. O cogito cartesiano na minha humilde opinião carece de fundamento empírico.

Além dessas considerações, considero que a dúvida seja a mola propulsora de todo o conhecimento. A dúvida é o que move a mente em direção às descobertas. Qualquer coisa que reclame para si algo de verdadeiro deve admitir o seu contrário, ou seja, a falsidade. Sem essa possibilidade é impossível conceber a noção de conhecimento, pois o conhecimento é aquilo que sabemos que não é falso. Só existem verdades enquanto houver falsidades, pois não é possível que tudo seja verdade. Supondo que Descartes

tivesse encontrado a pedra fundamental do seu edifício do conhecimento, “penso, logo existo”, tal proposição só pode vir a ser verdadeira, se admitisse a possibilidade da sua falsidade. Ser humano algum pode estar absolutamente certo em tudo, somos seres falíveis e dependemos uns dos outros para construir todo o conhecimento que hoje temos à nossa disposição.

Outro aspecto curioso sobre Descartes, é o fato dele preocupar-se demasiadamente em não incorrer em erros, o que à primeira vista é algo realmente louvável. Mas convenhamos, errar é algo inerente à nossa condição, pois a nossa cognição é algo muito limitada. Além disso, errar é o caminho natural para o aprendizado e para se chegar às verdades. Quando estamos investigando algo totalmente desconhecido para nós, estamos como que num labirinto onde há várias opções de caminhos que podemos seguir, mas somente um deles conduzirá à saída do labirinto. Talvez não precisemos testar todos os caminhos, mas, até testarmos alguns, não descobriremos a saída. Penso que nisso consiste o erro, ou seja, na nossa limitada capacidade para saber de antemão qual é a saída do labirinto.

### **3.1. Sobre os sonhos**

Descartes argumenta que quando estamos sonhando os nossos sentidos podem representar as coisas tal como as representamos quando estamos acordados. Ou seja, os sonhos às vezes são tão vívidos que parecem reais, e quando sonhamos não estamos cientes de que estamos sonhando, a tal ponto de pensar que o sonho é na verdade a realidade. Assim, Descartes supõe que poderia ser o caso de no momento em que ele estava escrevendo em frente à lareira, estivesse sonhando, enquanto pensava estar acordado, e que por esta razão não poderia confiar em nada que dependesse da consideração dos sentidos. Para ele a natureza corporal e tudo o que depende dela é muito incerto e duvidoso. “Quantas vezes me aconteceu de sonhar à noite que estava neste lugar, vestido, junto ao fogo, embora estivesse nu na cama” (DESCARTES, 2012, p.78). Sendo assim, não haveria uma maneira certa de distinguir a vigília do sono.

Ora, é verdade que muitas vezes os sonhos são muito semelhantes à realidade. No entanto, é também verdade que muitas vezes, nos sonhos, extrapolamos os limites possíveis da realidade terrena e representamos uma mistura de realidade e ficção. Nos sonhos fazemos coisas que jamais poderíamos fazer acordados, adquirimos habilidades sobre humanas como voar, forças sobrenaturais e coisas que tais. Além disso, para sonhar é necessário obedecer a algumas condições básicas. A principal delas é que nos recolhamos ao leito, fechemos os olhos para que o corpo adormeça e em tais condições podemos sonhar ou não. Não podemos sonhar acordados, nem começamos a sonhar de uma hora a outra conforme a nossa vontade. Sonhar requer condições específicas para que a mente produza uma representação onírica, que é substancialmente diferente das representações que fazemos quando estamos despertos. Mesmo que durante o sonho não sejamos capazes de distinguir entre sonho e realidade, basta ao despertarmos observarmos o lugar onde estamos; se estivermos em nossa cama, então o mais provável é de que tudo não passara de um sonho.

Outra coisa que pode servir como evidência para distinguir sonho e realidade é a lembrança limitada que temos dos objetos oníricos. Muitas vezes, tão logo acordamos já não lembramos mais do que sonhamos. Quando nos lembramos dos sonhos, somos apenas capazes de descrevê-los de forma muito geral, os detalhes perdem-se com o passar do tempo. Ao contrário, as coisas que vivemos quando estamos despertos ficam gravadas por muito mais tempo na memória, às vezes anos. Guardo ainda hoje detalhes das brincadeiras de infância que eu costumava brincar, com os meus irmãos, na casa dos meus pais.

Ademais, as coisas que nos acontecem em sonhos não acarretam nenhuma consequência para o corpo. Podemos despencar das alturas ou bater o carro que nada afetará o nosso corpo, ao acordarmos nos sentiremos aliviados ao perceber que estávamos sonhando. Ao passo que, quando estamos acordados, qualquer coisa que façamos acarreta numa consequência para o corpo. Por exemplo: se caio, me machuco e sinto a dor que a queda provoca. Se corro, fico ofegante e o corpo produz suor. Nos sonhos tais coisas não acontecem. Por isso, penso que as representações oníricas são muito diferentes das representações vividas. Na primeira, apesar do seu conteúdo

também ser sobre as coisas que vivemos aqui acordados, tais coisas podem extrapolar a barreira daquilo que é possível a um ser humano fazer, não tem uma duração na memória e não acarretam em nenhuma consequência para o corpo. Na segunda, o conteúdo é uma coisa vivida por nós que acarreta algum tipo de consequência para o corpo e para a vida, tem uma duração muito mais longa na memória, e por isso mesmo tais representações são mais vívidas do que as dos sonhos.

#### **4. A fé no corpo**

Para levar adiante o seu método para o conhecimento das verdades Descartes estabelece uma moral provisória. Tal moral provisória consiste em três máximas, que deveriam orientá-lo em sua busca. Somente, deixaria se governar pelas opiniões moderadas; seguiria firmemente nas ações e não menos firmemente na decisão de não seguir as opiniões duvidosas. E, por fim, procuraria mudar sempre a si mesmo, em vez de querer mudar a ordem do mundo. Contudo, Descartes, ao abandonar todas as suas certezas, retira entre elas uma única certeza, da qual não abre mão e não a submete a um exame rigoroso como as demais, a saber, a sua fé em Deus. “Depois de ter-me assim certificado dessas máximas e de tê-las posto à parte com as verdades da fé que sempre foram as primeiras das minhas crenças, julguei que podia livremente tratar de me desfazer de todas as minhas demais opiniões” (DESCARTES, 2012, p.28). E é justamente esse fato que julgo ter sido a causa do fracasso do seu empreendimento, porque tomara como verdadeira a mais duvidosa de todas as coisas. Para que o seu empreendimento funcione ele precisa demonstrar a existência de Deus. Mas, não é bem-sucedido porque estabelece conforme lhe parece conveniente que Deus existe. O que faz com que suas demonstrações sejam consideradas não-válidas.

Deus, na metafísica de Descartes, é a ponte entre o mundo subjetivo do pensamento e o mundo objetivo da verdade científica. A mente, devendo sua existência a Deus, é congenitamente programada com certas ideias que correspondem à realidade. Daí a importância, no sistema de Descartes, de demonstrar a existência de Deus, o perfeito

garantidor de nossas ideias, de tal forma que o meditante possa se mover de lampejos isolados de cognição. (COTTINGHAM, 1999, P.33)

De minha parte, há alguns anos, desde que ingressei nos estudos da filosofia, suspendi o juízo de todas as crenças, pois notei que nunca havia parado para pensar sobre a maior parte delas. Especialmente aquelas de natureza religiosa, que àquela altura apresentavam sinais de erosão e ameaçavam ruir. Fui educado nos preceitos do catolicismo e, durante muitos anos, os segui, irrefletidamente, como a maior parte das pessoas. Contudo, não demorou muito para que eu notasse que a realidade do mundo contrariava a ideia de um Deus supremo, todo poderoso e bondoso. Ao perceber tal contradição, o meu corpo começou a dar sinais de um conflito profundo entre as verdades do céu e as verdades da terra. As verdades do corpo pareciam-me sempre mais urgentes e nunca se harmonizavam com as verdades celestes. Além disso, não me parecia mesmo ser, sequer possível, tal harmonização.

Tenho dúvidas quanto à existência de Deus e quanto a isso nada posso aferir, por ser um objeto tão abstrato e envolto em tantas contradições e, por não encontrar no mundo nenhum sinal da sua benevolência, decidi abandoná-lo. Quanto ao corpo, apesar dos problemas que o envolvem e das opiniões diversas quanto à sua natureza, não está envolvido em contradições que resultem em problemas tão inconcebíveis que eu mesmo não possa verificar. Posso duvidar sobre todas as outras matérias que são invisíveis aos olhos, ou que só são concebíveis pelo intelecto, mas quanto ao meu próprio corpo não sou capaz de duvidar da sua existência, pois entre todas as coisas do céu e da terra, é aquilo que é mais tangível e imediato para mim mesmo.

Duvido sobre a existência da alma, sobre a existência de Deus, de seres extraterrestres e sobre toda a sorte de misticismos e credices, porque não posso verificar tais coisas com meus próprios olhos. Não há maior prova ou evidência para algo que careça de fundamento do que ver a coisa que se quer provar, e nisso consiste todo o método científico. Nem mesmo o mais cogente dos argumentos poderia persuadir melhor alguém, do que um simples olhar sobre a coisa em questão e, por essa mesma razão, não posso duvidar da existência do meu próprio corpo. Um argumento cogente, por sua vez, é um argumento válido com premissas mais plausíveis do que a conclusão. Se há

algo no mundo do qual estou absolutamente convencido é de que possuo um corpo e nele consiste a minha existência. Porque é através dele que posso ver, sentir e pensar todas as demais coisas. Coisas das quais posso me iludir quanto às suas naturezas, formas e finalidades, mas não posso estar iludido quanto ao fato de ser o corpo o canal que me dá acesso a todas essas coisas, pois só posso concebê-las através de um corpo.

Estando convencido de que esta é a única verdade sobre a qual posso apoiar-me, tal qual Descartes apoiou-se na sua fé em Deus, apoiarei na minha “fé no corpo”. Fé que pode ser muito mais adequadamente justificada e posta à prova do que aquela, uma vez que o objeto sobre a qual versa pode ser observado por qualquer um.

Estando ciente da validade do argumento, “tenho um corpo e penso, logo existo”, valho-me assim da lógica para não incorrer em erros logo de início, o que seria fatal para os propósitos que tenho em mente. Posso demonstrá-lo afirmando por *modus ponens* ou negando por *modus tollens*.

Se P então Q,

P

Logo Q

Utilizando essa forma lógica o argumento ficaria assim:

(P) tenho um corpo e penso, (Q) existo.

(P) tenho um corpo e penso

Logo, (Q) existo

Agora por *modus tollens*:

Se P então Q

Não Q

Logo não P

Se (P) tenho um corpo e penso, (Q) existo.

Não (Q) não existo

Logo, não (P) tenho um corpo e penso.

Fica assim demonstrada a validade dedutiva desse argumento.

## 5 O começo da vida

Recentemente, durante a pesquisa para esse ensaio, assisti a um documentário dirigido pela diretora brasileira Estela Renner<sup>3</sup> intitulado “O começo da vida” (RENNER, 2016) que, além de dar nome ao subtítulo desse capítulo, veio dar uma enorme contribuição para os propósitos deste ensaio. Após concluir os estudos em cinema nos Estados Unidos, a diretora retornou ao Brasil com o intuito de produzir filmes que contribuíssem no desenvolvimento social do país. As informações a seguir são uma reprodução do que foi discutido no filme por grandes especialistas de todo o mundo, na área de desenvolvimento infantil. Tais estudos, por sua vez, vêm confirmar ou pelo menos dar alguma credibilidade às ideias apresentadas nos capítulos anteriores deste trabalho.

Os primeiros anos da vida de um ser humano é como a construção do alicerce de uma casa. Tudo aquilo que pensávamos saber sobre os bebês mudou nos últimos trinta anos. Os cientistas de outrora pensavam que os bebês eram seres irracionais, egocêntricos, imorais, que não entendiam causa e efeito, que não eram capazes de sentir empatia pelos outros. Os estudos científicos das últimas três décadas provaram que é exatamente ao contrário. Mesmo os bebês mais novos aprendem e sabem mais do que se imaginava até então. Os primeiros anos de vida são fundamentais para a formação estrutural do cérebro e o desenvolvimento social da criança nos anos seguintes. Os bebês aprendem muito mais entre 0 e 3 anos de idade do que jamais aprenderão de novo, pois é uma fase de desenvolvimento das estruturas cerebrais, que estão à espera do ambiente mostrar-lhes como o mundo e as coisas são.

Quando é apenas um feto na barriga da mãe e o sistema nervoso ainda está em formação, o bebê é capaz de registrar as vibrações do ambiente externo e interno, como a voz e os batimentos cardíacos da mãe e o seu cérebro registra esses sons. Antes, pensava-se que isso só era possível após o cérebro estar completamente formado. Isso significa que o cérebro é capaz de fazer associações mesmo antes do bebê nascer. Assim, ao nascer, ele é capaz de reconhecer a voz e os batimentos cardíacos da mãe ao ser levado ao colo dela para amamentar. “O olfato do bebê é tão aguçado que ele é capaz de

---

<sup>3</sup> Diretora e roteirista brasileira, co-fundadora da Maria Farinha Filmes, estudou motion pictures na Instituição de Ensino New York University.

distinguir o cheiro do leite materno entre centenas de outros cheiros”. (IACONELLI, 2016).

Quando o bebê nasce ele já tem uma preferência em particular: o rosto humano. Apesar da referência que tem do rosto humano, quando ainda está na barriga, ser abstrata, já é o bastante para que ele busque por esse padrão intuitivamente. Assim, ao nascer e ver o rosto humano ele fica muito interessado nisso, pois é capaz de reconhecer que aquele rosto é como o dele, que aquele corpo se move como ele e logo se põe a imitá-lo. Os bebês aprendem primeiro e melhor com as pessoas que estão ao seu redor pois toda a sua atenção está concentrada em reproduzir os gestos e os sons que o cercam.

“Há duas vezes mais atividade no cérebro de um bebê de 0 a 3 anos do que no cérebro de uma pessoa adulta. Tais atividades consistem, aproximadamente, entre setecentas e mil novas conexões neurológicas por segundo”. (SHONKOFF P. Jack, 2016). Estas novas conexões neurológicas proporcionam aos bebês todo o tipo de experiência, interações físicas, sensações, tudo o que o bebê, ouve, vê, cheira e saboreia.

É de suma importância para o desenvolvimento do sistema nervoso do bebê que ele sonhe e não somente quando dorme. Possibilitar que ele sonhe acordado através da luz e do som, deixar que ele sinta o contato com os corpos dos pais. Deixar que ele sinta a natureza, permitir que ele se conecte com o mundo através dos sentidos, com as suas emoções e com a própria capacidade de interagir com todas as imagens que vê.

Portanto, o bebê, ao contrário do que se pensava, não é uma tábula rasa onde os adultos preenchem como querem. O bebê vê novidade nas coisas mais banais, isto porque a mente dele não está planejada, ao contrário, está totalmente aberta esperando por novas descobertas. O motivo pelo qual os bebês repetem uma coisa inúmeras vezes é porque querem entender como as coisas funcionam. Por exemplo, ele pode querer derrubar o mesmo objeto várias vezes, para saber se o som que o objeto produz será igual todas as vezes. Exatamente como faria um cientista se estivesse pesquisando o som daquele objeto. Assim, as brincadeiras não passam de experimentos que os permitem aprender muito sobre o funcionamento das coisas. Se pararmos para pensar, muitas coisas que hoje sabemos, nós aprendemos brincando e, por

esse motivo, permitir que os bebês brinquem é de suma importância para o seu aprendizado. Ao brincar as crianças estão aprendendo e nesse processo cometem muitos erros. Precisam, portanto, tentar mais de uma vez. É importante que os pais estimulem o bebê a tentar de novo até conseguir, pois assim estão também estimulando a sua autoestima e a sua capacidade de lidar com as frustrações. Bebês com autoestima elevada arriscam-se mais para aprender coisas novas, pois mesmo que eles falhem tentando, estão suficientemente fortes para superar isso. “É preciso estimular a persistência da criança, deixando-as tentar e assim aprender como os seus erros. ” (LOMBARDI, Joan, 2016)

Neuroplasticidade é a capacidade do cérebro de mudar com a experiência. O cérebro do bebê adapta-se à experiência melhor do que o cérebro de um adulto. Isso pode ser bom ou ruim. Se o bebê tem uma experiência cheia de conversas, ele constrói relacionamentos, discernimento social, brincadeiras e imaginação, o cérebro pode atingir altos níveis de desenvolvimento. Suas expectativas quanto ao futuro serão criadas a partir dessas experiências. Mas, se ao contrário, a experiência infantil é cheia de abusos, medo, ameaças e caos, tudo isso põe em risco o desenvolvimento do cérebro. A criança cessa de criar expectativas, a sua alegria de viver desvanece junto com a vontade de vivenciar novas experiências. Assim, nessa fase inicial da vida, o potencial do cérebro pode ser aumentado ou limitado conforme a qualidade das experiências vivenciadas pelo bebê.

Há uma revolução científica em curso, que mostra que o debate entre inato versus adquirido, ou seja, entre genética versus ambiente, na verdade acabou. A descoberta mais significativa dos últimos trinta anos é que o desenvolvimento cerebral é tão influenciado pelo ambiente quanto o é pela genética. Não é um ou outro, na verdade, são os dois. As experiências precoces e interações de um bebê literalmente ficam marcadas na sua pele e no seu cérebro e afetam a constituição da arquitetura do cérebro.

No fim da ditadura na Romênia no ano de 1989, cento e setenta mil crianças órfãs foram morar em instituições muito precárias, passando por todos os tipos de privações possíveis. As privações que ali passaram, especialmente as de afeto, diálogo e contato com os pais, dentre outras, acarretaram consequências irreversíveis para as suas vidas, é o que mostra um estudo feito

com essas crianças. “Para avaliar os impactos desse tipo de cuidado no desenvolvimento infantil, o pesquisador americano Charles Nelson, acompanhou 136 crianças sem doenças, com idade entre seis a trinta e um meses. ” (VEJA, 2015) O objetivo do estudo era entender o que acontece quando o cérebro é privado de todo o tipo de experiência. Nessas instituições, os bebês passavam os dias sozinhos no berço, olhando para o teto, sem ninguém para conversar com eles, brincar ou tocá-los, exceto quando algum enfermeiro tinha que trocar suas fraldas ou alimentá-los. Isso acarretou uma reação em cadeia de consequências para essas crianças como QI (quociente de inteligência), lento, sérios problemas linguísticos, problemas de afeto, não aprenderam a se relacionar com os adultos. Mesmo depois de adultos não conseguiram se relacionar bem com os seus pares sendo, assim, vítimas de um enorme prejuízo emocional, físico e social.

Ao meu ver, o que os estudos mostrados nesse filme apontam, além da importância de se cuidar bem dos bebês nos primeiros anos de vida, é a importância que os sentidos da percepção desempenham no processo de desenvolvimento do cérebro do bebê, nos primeiros anos de vida, pois é através deles que o bebê começa a explorar o mundo, mesmo antes de nascer e não pára mais. Mostram que a qualidade da interação do bebê com o ambiente que o circunda é tão determinante para o seu futuro quanto a sua genética e que tal interação só é possível por via da sensibilidade do corpo. Além disso, mostra como um bebê privado da experiência que só os sentidos podem propiciar não é capaz de interagir com o mundo adequadamente, tornando-se um adulto com muitas limitações cognitivas e frustrações, incapaz de florescer e dar bons frutos.

De forma, que sou levado a concluir que os sentidos da percepção são os instrumentos de navegação que nos guiam na nossa exploração do mundo, em busca de conhecimento, desde a mais tenra idade. Sem tais instrumentos, ou sem uma experiência adequada deles, ficaríamos à deriva, perdidos num oceano de frustrações e limitações cognitivas. De modo análogo, sem um cérebro bem estruturado para registrar todas as impressões vindas dos sentidos, o corpo por si só não iria muito longe. De forma que corpo e cérebro dependem um do outro não apenas para existir, mas para todo o processo de aprendizado. Possibilitando desse modo, que o sujeito da existência tenha o

afeto dos pais e experiências ricas e, assim, desenvolva e adquira conhecimento e autonomia.

Então, resumindo, os estímulos sensíveis juntamente com o afeto dos pais são cruciais para moldar a maneira como vemos e lidamos com o mundo, não somente nos primeiros anos, mas durante toda a vida. As competências desenvolvidas e também aquelas não desenvolvidas durante essa fase inicial da vida acompanharão o indivíduo até a idade adulta. As boas experiências continuarão a ser expandidas, as más experiências resultarão em limitação, propiciando uma vida mais alegre e saudável ou mais triste e frustrada.

## **6 O sentido da visão**

Vimos no capítulo anterior como os sentidos da percepção são importantes para uma boa ou má estruturação do cérebro humano nos primeiros anos de vida. Boas experiências, ricas de brincadeiras, sons, cores e afeto resultarão num cérebro bem estruturado. Más experiências, ao contrário, podem comprometer toda uma vida.

Os órgãos dos sentidos, além de serem os canais de entrada do conhecimento em nós, propiciando um cérebro bem estruturado, propiciam também muito prazer e, por vezes, dor. Ficamos extasiados ao vislumbrar as maravilhosas paisagens do mundo, ao ouvir os prelúdios de Chopin, ao saborear as delícias da culinária, ao cheirar os perfumes das flores e ao sentir o contato do vento ou do sol com a nossa pele. Todos esses simples prazeres da vida são também os maiores prazeres que podemos ter. A sensação do abraço de uma pessoa amada nunca poderá ser reproduzido por máquina alguma, ou tampouco a sensação de assistir ao pôr do sol numa tarde de verão. Também, sentimo-nos destroçados quando vemos alguém que amamos sofrer com uma doença grave, levando-a ao óbito, ou quando vemos as vidas dos inocentes, de um país em guerra, sendo destroçadas. Os sentidos são assim fontes de prazer e também de dor. Segundo Aristóteles, os sentidos aprazem por si mesmos, especialmente o da visão.

Todos os seres humanos naturalmente desejam o conhecimento. Isso é indicado pelo apreço que experimentamos pelos sentidos pois, independentemente do uso destes, nós os estimamos por si mesmos e mais do que todos os outros, o sentido da visão. Não somente

objetivando a ação, mas mesmo quando não se visa nenhuma ação, preferimos a visão – no geral – a todos os demais sentidos, isto porque, de todos os sentidos, é a visão o que melhor contribui para o nosso conhecimento das coisas e o que revela uma multiplicidade de distinções. (ARISTÓTELES, 2006, p.43)

Estimamos os sentidos quando adultos, mas especialmente quando ainda somos crianças, quando os sentidos atizam a imaginação, fazendo com que o mundo nos pareça, muitas vezes, uma fábula. Estimamos o sentido da visão, em especial, porque é através dele que podemos ver tudo o que há para ser visto. Desde as belezas naturais características de cada região do globo terrestre às belezas construídas por nós, como as cidades, com suas arquiteturas características e monumentos, até as obras de arte produzidas até hoje. Em cada uma dessas coisas há uma incontável quantidade de formas, cores, texturas, cheiros, sabores, que podemos experimentar e que nos afetam, gerando em nós sentimentos, como admiração e o êxtase, entre tantos outros. Tais sentimentos têm um impacto sobre nós, podem mudar a nossa visão das coisas e, conseqüentemente, a nossa conduta. Além disso, sem o sentido da visão, nenhuma dessas maravilhas humanas seria possível, pois o sentido da visão é essencial não apenas na aquisição do conhecimento, mas também para a execução das atividades que o conhecimento propicia, às quais requerem um referencial visual. Como, por exemplo, edificar, pintar, esculpir, filmar etc.

A faculdade da sensibilidade humana pode produzir, assim, um tipo de experiência que não é apenas objetiva, na medida em que diz respeito aos fatos do mundo exterior que venham a promover o progresso tecnológico. Mas, além disso, um tipo de experiência subjetiva, que pode levar ao conhecimento também da vida no interior do corpo, que não apenas é modificada pelo mundo exterior, mas que também o modifica através do olhar que se tem dele. Desvelar tais “verdades” particulares dos corpos dos indivíduos, enquanto seres sensíveis, capazes de amar, odiar, ter medo, esperança, sentir inveja, ciúmes, compaixão, tolerância, gratidão, reciprocidade e empatia, pode ajudar-nos a criar relações morais mais significativas, entre nós mesmos, os humanos, e também com o planeta terra. Assim, cada sensação provoca em nós um pensamento e cada pensamento, por sua vez, faz nascer um sentimento equivalente. Por exemplo, ao vermos a foto da pessoa amada que está

distante, enchemo-nos de saudade e ternura ou, ao ouvirmos uma canção que nos lembre momentos que passamos juntos felizes, regozijamos de alegria. Ao contrário, se algo atenta contra a nossa vida, ou contra a vida daqueles a quem estimamos, ou contra a vida de pessoas inocentes, ficamos enfurecidos, amedrontados ou encorajados a lutar contra tal ameaça. Os sentimentos, por sua vez, movem-nos em alguma direção. Portanto, se não há sensação, não há pensamento. Se não há pensamento, não há sentimento. Se não há sentimento, não há ação. Logo, se não há sensação, não há ação. Interessante é notar como a segunda palavra está contida na primeira.

Aristóteles afirma que, “os sentidos não são considerados sabedoria, pois, embora sejam realmente nossas principais fontes de conhecimento, não nos indicam a razão de coisa alguma, como, por exemplo, porque o fogo é quente, mas somente que é quente”. (ARISTÓTELES, 2006, p.45).

Penso que os sentidos nos mostram exatamente aquilo que precisamos ver para aprender. Muitas vezes os sentidos são acusados de nos iludir gerando assim uma falsidade. No clássico exemplo<sup>4</sup> da vara submersa na água, em que a parte submersa aparece torta, costuma-se especular que isso seria uma ilusão, porque a vara na verdade é reta e poderíamos pensar que ela fosse torta, caso nos deparássemos com uma situação semelhante pela primeira vez. Ao meu ver não há ilusão nenhuma aqui. O olho mostra exatamente o que acontece com a imagem produzida pela luz ao mudar de ambiente, e isso é o que existe nessa experiência para ser aprendida, ou seja, que a luz se desloca mais lentamente na água, distorcendo assim a parte submersa da vara. Há algo de verdadeiro para ser aprendido com essa visão, embora ela possa parecer uma ilusão.

Imaginemos agora o contrário, ou seja, que a vara não entortasse ao ser inserida na água. De que forma, então poderíamos aprender que a luz viaja mais lentamente na água? Nesse caso seria uma completa ilusão. Há algo de verdadeiro em qualquer situação que pareça ilusória, a ilusão consiste na interpretação que fazemos da experiência. No exemplo dado acima, os sentidos mostram exatamente o que acontece em tais circunstâncias, mas alguém sem nenhuma noção de física poderia interpretar que a vara realmente

---

<sup>4</sup> Exemplo, usado pelo professor Desidério nas aulas para exemplificar o caráter ilusório do sentido da visão.

fosse torta. Uma pergunta me ocorre nesse ponto. Por que razão os sentidos parecem, às vezes, nos enganar? A resposta que me ocorre é: para que aprendamos com os erros e aprofundemos na experiência. Não apenas aprender sobre as relações de causa e efeito, mas aprendermos a lidar com nossas próprias emoções. Assim como os bebês têm que aprender a lidar com as suas frustrações ao cometer um erro. Se todas as vezes em que eu olhasse para uma fogueira, meu olho automaticamente me mostrasse qual era a sua causa, seria algo demasiado fácil, e eu não aprenderia nada do que há para ser aprendido no processo de tentativa e erro. Não aprenderia a lidar com as minhas frustrações, não desenvolveria autoestima e não saberia como é sentir-se vitorioso por haver feito uma descoberta.

A ilusão da qual sofriam alguns filósofos era a de pensar que os sentidos nos iludiam e que a razão nos salvaria dessas supostas ilusões. Na verdade, se tratando do conhecimento, tanto os sentidos como a razão provaram ser limitados. Quando se trata da razão, precisamos em muitos casos nos valer de “muletas” cognitivas para melhor enxergar as coisas. Tais “muletas” consistem nos dispositivos que criamos para nos ajudar a raciocinar melhor, como o microscópio, a calculadora ou o acelerador de partículas. Sem tais “muletas” a razão estaria em má lençóis. Contudo, Aristóteles fazia ciência puramente com os sentidos, fato este que pode servir como uma prova de que os sentidos têm um razoável grau de credibilidade.

A sabedoria não é algo que se adquire instantaneamente, apenas observando uma única vez. Além de tempo é preciso paciência e persistência. É preciso errar e tentar outra vez. E, se por acaso acertar na primeira vez, o que é muito difícil, é preciso repetir a experiência para se ter certeza. Se hoje sabemos muitas coisas, foi porque erramos muito no passado. Muitas coisas que no passado pensávamos ter certeza, hoje sabemos que não passava de pura fantasia. Como por exemplo, de que a terra era o centro do sistema solar. O erro é uma condição necessária à sabedoria. É exatamente isso o que expressa o famoso jargão socrático, “só sei que nada sei”, ou seja, a ideia de que podemos sempre estar enganados.

A função dos sentidos, desde a vida fetal até a idade adulta continua sempre a mesma, explorar o mundo, nos conectar com o que há para ser visto, ouvido, tocado, sentido. Exatamente como ocorre numa exploração, primeiro

fazemos o reconhecimento do local, depois coletamos dados e fazemos observações, experimentando diversas possibilidades. Somente depois disso, começamos a escavar com a razão, retirando as camadas para ver o que há nas profundezas. Não é possível começar pela ordem inversa. Nesse processo podemos cometer muitos erros que orientarão explorações futuras. Se não errarmos, não tentaremos de novo. Se não tentarmos de novo, não acertaremos. Se não acertarmos, não aprenderemos. Logo, se não errarmos não existe aprendizado.

## **7 A experiência soberana**

À luz das reflexões do capítulo anterior, não seria implausível pensar que Hume (2003) estava certo ao afirmar que as impressões sensíveis são as responsáveis por formar as nossas ideias e pensamentos. David Hume, considerado o pai do empirismo, argumentou que todos os nossos pensamentos e ideias são cópias das impressões obtidas por meio das experiências. O conceito de impressões e ideias foi apresentado, anteriormente, no capítulo sobre os contornos. Isso significa que somos produtos das nossas experiências, na medida que elas moldam o nosso pensamento e, conseqüentemente, o nosso comportamento. O debate sobre como a experiência vivida nos primórdios da vida humana estrutura o cérebro parece apontar justamente nessa mesma direção. Assim, as nossas ideias, opiniões e comportamento seriam todos derivados da experiência, especialmente da experiência que tivemos quando ainda éramos bebês. Embora, no século XVIII, Hume talvez não fizesse a menor ideia sobre esse fato da natureza humana. Contudo, a experiência lhe era muito cara, justamente por ser a partir dela que criamos as nossas expectativas quanto ao futuro. A experiência é, de acordo com Hume, muito mais valiosa e superior a qualquer ideia e pensamento porque é vívida e distinta, enquanto as ideias e pensamentos são opacos e confusos.

Todos admitirão prontamente que há uma considerável diferença entre as percepções da mente quando um homem sente a dor de um calor excessivo ou o prazer de uma tepidez moderada, e quando traz mais tarde essa sensação à sua memória, ou a antecipa pela sua imaginação. Essas faculdades podem imitar ou copiar as percepções

dos sentidos, mas jamais podem atingir toda a força e vivacidade da experiência original. Tudo o que podemos dizer delas, mesmo quando operam com o máximo vigor, é que representam seu objeto de uma maneira tão vívida que quase podemos dizer que o vemos ou sentimos. (HUME, 2003, p.33)

Ao lermos os manuais de filosofia, ou de qualquer outra área do conhecimento, muitas vezes somos tomados pela perplexidade diante de certas teorias. Penso que o motivo de isso ser assim deve-se justamente ao fato daquela teoria nos ser completamente estranha, fora do escopo da nossa experiência, o que faz com que nos sintamos confusos. Tal confusão vem do fato de não encontrarmos na nossa memória uma ideia que tenha a sua origem numa impressão que corrobore aquela teoria. Então, é como se a mente ficasse à deriva em busca da impressão não experimentada. Quando as teorias já foram em alguma medida experimentadas por nós, mesmo que de modo muito elementar, não ficamos perplexos nem confusos, mas a concebemos com maior facilidade, pois algumas ideias da teoria já se encontram no nosso repertório de ideias, mesmo que de modo ainda muito elementar. Repertório que por sua vez foi adquirido através de impressões de experiências vividas. Por exemplo, é fácil para qualquer um compreender a teoria da relatividade, porque qualquer objeto que soltarmos no ar inevitavelmente vai cair, e todo o mundo já passou por essa experiência, no mínimo uma vez.

Para ver como a experiência determina o nosso pensamento, basta observarmos o modo como as experiências ruins nos atormentam. Se algo nos preocupa, se estamos doentes, se contraímos dívidas, se temos um exame importante, ou qualquer outro motivo para nos preocuparmos, este motivo e as ideias que o envolvem tendem a ocupar um lugar de destaque em nossos pensamentos. Por mais que tentemos desviar o pensamento para outras ideias, a mente insiste em permanecer naquela que está nos atormentando. Mal desviamos o pensamento de direção, e sem que precisemos fazer qualquer esforço a mente volta os seus holofotes para a ideia que nos preocupa, e nenhuma outra ideia é párea para aquela. Tão logo aquele problema é resolvido a ideia desaparece da mente, restando a lembrança de uma má experiência. Em tais circunstâncias a mente assemelha-se a um mar revolto, quando não é possível navegar e somos obrigados a nos agarrar com força a uma única ideia, a saber, a ideia de sobrevivência.

Contraste agora com a situação oposta. Se nada nos aflige, a vida segue seu curso tranquila, não temos dívidas nem doenças, nem há nada que nos preocupe. Nesse caso, não há uma única ideia entronizada na mente, e a mente assemelha-se a uma maré baixa, quando o mar fica sereno e podemos navegar calmamente entre uma ideia e outra, conforme nos apraz. Em tais circunstâncias podemos escolher o objeto do nosso pensamento, pois nenhuma preocupação se impõe prioritariamente, sentimo-nos livres e prontos para novas experiências.

## **8 O Corpo na sociedade**

A antropologia, tal qual conhecemos hoje, deixou para trás a ideia de que o ser humano é um ser puramente biológico, como acreditavam os evolucionistas do séc. XIX. Assim, o ser humano passa a ser encarado como portador de duas naturezas, uma biológica e outra cultural. Fundando assim a antropologia social na oposição entre natureza e cultura. “A espécie humana só chegou a se constituir como tal pela concorrência simultânea de fatores culturais e biológicos.” (DAOLIO, 1994, p.33).

A partir de então tornou-se consenso entre os antropólogos que, ao longo da evolução humana, houve um período de superposição entre o desenvolvimento cerebral e o desenvolvimento sociocultural. Dessa perspectiva o cérebro evoluiu de modo a permitir alguns comportamentos sociais, como a utilização de ferramentas, a linguagem e o convívio social, que determinaram o resultado final da evolução do organismo humano.

Desse modo, a cultura, além de ser o resultado de um sistema nervoso estruturado, seria também um componente para o seu desenvolvimento. Então, a noção de que o ser humano tem uma dimensão puramente biológica é substituída pela noção de que o ser humano, possui uma dimensão biológica e outra sociocultural. A partir dessa nova noção de natureza humana, muda-se também o olhar sobre o corpo humano e passa-se a pensá-lo como sendo em parte uma construção cultural. Pois cada sociedade possuiria uma constituição corporal diferente, através da qual se expressa. “Todo o homem, mesmo inconsciente desse processo, é portador de especificidades culturais no seu

corpo". (DAOLIO, 1994, p.36). Não seria possível pensar o corpo como puramente biológico, pois cada sociedade marca no corpo de seus indivíduos um conjunto de significados, definindo o que é o corpo de maneiras diferentes. Para além das semelhanças físicas que os corpos de diferentes sociedades apresentam, existem as diferenças culturais que influenciam no modo como estes diferentes corpos se manifestam.

A análise da representação social do corpo humano possibilitaria acessar a estrutura de uma determinada sociedade. As diferentes sociedades estabelecem quais as características que configuram o que e como o ser humano deve ser, tanto em termos intelectuais, morais e também físicos. "No corpo está inscrito, todas as regras, princípios e valores de uma sociedade específica, por ser o contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca". (DAOLIO, 1994, p.39). O modo de andar, gesticular, sorrir, a postura corporal expressa diferentes características que podem indicar a origem do indivíduo. Através do corpo, o ser humano vai percebendo e incorporando os valores, regras e costumes sociais, num processo de incorporação. Tal como vimos no capítulo sobre os bebês, através da experiência sensorial a criança apreende o mundo com suas regras, valores e costumes sociais, característicos da cultura a qual nasceu. "Mais do que um conteúdo intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões". (DAOLIO, 1994, p.40). De fato, os bebês não são capazes de refletir sobre as suas experiências de modo a escolher se querem ou não participar dessa ou daquela cultura. Há simplesmente uma incorporação irrefletida de normas, valores e regras sociais, que estruturam o seu cérebro.

A partir dessas considerações, faz-se mister refletir sobre o conjunto de valores, princípios e regras da sociedade na qual vivemos. Pois como fica claro nessa primeira análise, a cultura é mais um processo de incorporação de valores, muitas vezes de forma irrefletida, e isto pode acarretar consequências indesejáveis para os indivíduos. Era exatamente isso que fazia Sócrates, ao reunir-se com seus compatriotas nas ruas de Atenas para debater sobre os valores e princípios que regiam a sociedade grega. Portanto, mais do que saber que corpos e culturas diferentes se expressam de modos diferentes, é preciso refletir sobre os valores e leis que governam estes corpos.

Assim, o legado deixado por Descartes, através do seu pensamento, onde supõe não possuir um corpo, e que toda a sua essência é incorpórea, tem resultados desastrosos para as gerações seguintes, que incorporam o pensamento mecanicista ao seu conjunto de valores. Tal pensamento, consiste na ideia de que o corpo humano é tal qual uma máquina, um mecanismo, que funciona obedecendo as leis do movimento estabelecidas por Isaac Newton<sup>5</sup>, e que essa máquina é distinta da alma dotada de inteligência, sendo assim a alma capaz de conduzir o corpo pelos caminhos da fé.

A formulação do cogito por Descartes prolonga historicamente a dissociação implícita do homem do seu corpo despojado de valor próprio. Descartes formula com clareza um termo chave da filosofia mecanicista do séc. XVII. O modelo de corpo é a máquina, o corpo humano é uma mecânica discernível das outras apenas pela singularidade de suas engrenagens. Não, passa, no máximo de um capítulo particular da mecânica geral do mundo. Consideração fadada a um futuro próspero no imaginário tecnicista ocidental dedicado a consertar ou transfigurar essa pobre máquina. Descartes desliga a inteligência do ser humano da carne. A seus olhos, o corpo não passa do invólucro mecânico de uma presença. (BRETON, 2003, p.18).

O corpo e, conseqüentemente, os sentidos, passam a ser vistos pela cultura moderna como a parte inferior da cognição humana, que nunca poderá configurar-se conhecimento de coisa alguma, mas, ao contrário, representa a parte duvidosa e enganadora. O modo como a sociedade da época incorporou o modelo cartesiano de corpo à cultura deixa-se notar até os dias de hoje, em que a relação do ser humano com o seu próprio corpo assemelha-se à relação que hoje temos com as máquinas.

Durante milênios e ainda hoje, em grande parte do mundo, os homens caminharam para ir de um lugar a outro, nadaram, consumiram-se na produção cotidiana dos bens necessários a seu prazer e à sua subsistência. A relação com o mundo era uma relação pelo corpo. Certamente nunca como hoje em nossas sociedades ocidentais os homens utilizaram tão pouco seu corpo, sua mobilidade, sua resistência. O consumo nervoso (estresse) substituiu o consumo físico. Os recursos musculares caem em desuso, a não ser nas academias de ginástica, e toma o seu lugar a energia inesgotável das máquinas. Até as técnicas corporais mais elementares – como caminhar, correr, etc. – recuam consideravelmente e só são solicitadas raramente na vida cotidiana como atividades de compensação ou de manutenção da saúde. Subempregado, incômodo, inútil, o corpo torna-se uma preocupação; passivo, faz com que ouçam seu mal-estar. (BRETON, 2003, p.20).

---

<sup>5</sup> Cientista inglês que descobriu a “lei da gravitação universal”.

Tal foi o alcance que tiveram as ideias de Descartes que, se olharmos com atenção para as nossas instituições socioculturais, políticas e familiares podemos identificar um princípio cartesiano operando nelas, a saber, um princípio de oposição entre o corpo e a alma. A dualidade entre o corpo e a alma presente no pensamento ocidental desde Platão, e reforçada por Descartes, abriu um campo fértil para as religiões ressaltarem os valores superiores da alma em detrimento aos do corpo, ao qual, restava apenas dor, sofrimento e resignação. Assim, o corpo não passa de um amontoado de carne e ossos, causa da dor e sofrimento da espécie humana, fonte de pecado, doenças e limitações cognitivas. Devido a esse fato, passou a ser um pensamento corrente que as verdadeiras realizações humanas apenas podiam ocorrer nos planos superiores da alma incorpórea e imortal.

Desse modo, a felicidade, o bem mais cobiçado por todos, fica relegada a outra dimensão, e ao corpo resta aceitar a sua condição miserável, restando a ele, a reprodução e o trabalho resignado, tal qual uma máquina. O corpo máquina só adquire valor na medida em que for produtivo e competitivo. A meta a ser alcançada não é mais ter uma vida virtuosa, e passa a ser, “ser bem-sucedido” economicamente e socialmente, e nisso passa a consistir a noção de uma vida realizada. A felicidade neste mundo sensível fica atrelada àquilo ao que o indivíduo pode comprar com o seu salário, aos bens de consumo, em substituição aos bens corporais, a saber, todo o prazer advindo das diversas experiências possíveis com o próprio corpo. O uso do corpo só se justifica quando é para gerar riquezas materiais, através do trabalho, e para a observação das leis do céu e dos homens. O corpo enquanto sede da divindade, da parte perfeita do ser, deve manter-se puro, livre de pecados e de excessos. Por meio dessa premissa, as religiões exercem controle sobre a sexualidade dos seus membros, proibindo-lhes de explorar o seu próprio corpo, e sentir prazer nessa descoberta. Transformando os corpos em autômatos padronizados, sem a expressão dos desejos íntimos, das vontades, e da experiência de si mesmos. Assim, os corpos são moldados com a forma pré-fabricada pela cultura da classe dominante de cada sociedade. “Sempre que há uma classe dominante, a moralidade do país resulta, em grande parte, dos interesses e do sentimento de superioridade desta classe” (MILL, 2010, p.35). No caso da cultura ocidental pós cogito cartesiano a cultura foi imbuída com a

ideia de que a alma é diferente do corpo, e de que o corpo humano obedece às leis da mecânica tanto quanto qualquer outro corpo.

Entretanto, o corpo não é uma máquina, não no sentido cartesiano. O corpo é dotado de sensibilidade e responde às influências do ambiente que o cerca. Se, como vimos, o corpo incorpora a cultura num processo natural, passado de geração em geração, por outro lado, cada corpo é único, carrega em si características próprias, que estão relacionadas às experiências vivenciadas de cada um, e pode, desse modo, perceber o ambiente de modos diferentes. Cada corpo tem diferentes impressões acerca das experiências com a cultura na qual está inserido. Apesar dos corpos possuírem semelhanças físicas e comportamentais, a maneira como cada corpo reage à cultura dominante pode variar muito conforme a demanda de cada um. Especialmente naqueles casos em que o corpo constitui uma exceção às regras estabelecidas, casos em que as regras normalmente representam uma limitação à liberdade de expressão desses indivíduos.

Pensemos por exemplo, naqueles possíveis bailarinos que foram excluídos das aulas de balé, por estarem inseridos numa cultura machista, onde balé é coisa de menina; menino deve aprender a jogar futebol. Ou nas mulheres que abortaram em condições precárias envolvendo riscos para seus corpos, por também estarem inseridas numa cultura paternalista cristã e conservadora. Ou ainda, em como é difícil para aqueles indivíduos cegos ou surdos viver numa sociedade organizada apenas para videntes e ouvintes. A interferência da sociedade na liberdade social e civil<sup>6</sup> desses indivíduos, negando-lhes a experimentação individual do corpo conforme os desejos e necessidades de cada um, pode representar consequências desastrosas para esses corpos e para as diferentes aptidões que poderiam se manifestar a partir deles. Tais consequências, dentre outras, consistem na negação da possibilidade de ter experiências sensoriais mais adequadas à necessidade de cada corpo. Com isso, o indivíduo se vê privado de expressar-se livremente e assim descobrir e desenvolver as potencialidades de seus corpos conhecendo assim a si mesmos.

---

<sup>6</sup> O problema da liberdade social e civil tal qual apresentado por John Stuart Mill, e o de saber qual é a natureza e os limites do poder que pode ser legitimamente exercido pela sociedade sobre o indivíduo.

Existem algumas circunstâncias na vida, onde alguém pode sentir-se inclinado a questionar os valores e princípios que regem a cultura da sociedade na qual se encontra inserido. Como no caso dos exemplos citados anteriormente, dos bailarinos, mulheres com gravidez indesejada e pessoas surdas. A partir de suas próprias demandas, físicas, sócio culturais e políticas, o indivíduo pode perceber a inadequação entre as suas demandas e o modelo estabelecido culturalmente. Nesses casos, as necessidades e inclinações do indivíduo contrariam as leis, valores e princípios vigentes. Quando isso ocorre, o indivíduo pode sentir-se excluído do convívio social ou sentir que deve adequar-se àquela cultura para não ser excluído, a despeito de suas inclinações pessoais e necessidades. Assim, o indivíduo que nasceu com alguma característica que lhe difere do padrão aceito na sociedade vê-se obrigado a fazer uma difícil escolha entre o convívio com si próprio e o convívio com a sociedade, escolha que é sempre acompanhada de um conflito que se instaura no corpo do indivíduo. Se ele decide por si mesmo, tal decisão pode significar o isolamento do resto do grupo. Além disso, ele pode ser obrigado a lidar com situações constrangedoras, pois escolheu o oposto do que estabelece a sociedade. Se por outro lado, decide adequar-se à sociedade, reprimindo seus próprios valores, terá que lidar com a frustração causada pela negação da sua própria expressão individual. Logo, em qualquer caso haverá sempre conflitos com os quais lidar.

Viver em sociedade é conflituoso, porque envolve sempre escolhas e tais escolhas, por sua vez, devem ter em conta sempre como elas afetam o convívio com os outros, que tem preferências e necessidades diferentes das nossas. Então, por exemplo, se escolho dar uma festa, além de ter que observar o gosto dos convidados para definir o cardápio, deverei também observar o horário permitido por lei para a realização da festa, se não quiser incomodar os vizinhos, que nada têm a ver com a minha disposição em festejar. John Stuart Mill<sup>7</sup>, ao pensar sobre os limites do poder que uma sociedade pode exercer sobre os seus membros, buscou estabelecer um princípio destinado a reger a interação da sociedade com o indivíduo, que ficou

---

<sup>7</sup> Filósofo e economista britânico nascido na Inglaterra, defensor do utilitarismo.

conhecido como o princípio do dano. O entendimento deste conceito é como se segue:

É o princípio de que o único fim para o qual as pessoas têm justificação, individual ou coletivamente, para interferir na liberdade de ação de outro, é a autoproteção. É o princípio de que o único fim em função do qual o poder pode ser corretamente exercido sobre qualquer membro de uma comunidade civilizada, contra a sua vontade, é o de prevenir dano a outros. O seu próprio bem, quer físico, quer moral, não é justificação suficiente. Uma pessoa não pode corretamente ser forçada a fazer ou a deixar de fazer algo porque será melhor para ela que não o faça, porque a fará feliz, ou porque, na opinião de outros, fazê-lo seria sensato, ou até correto. Essas são boas razões para criticar, para debater com ela, para a persuadir, ou para a exortar, mas não para a forçar, ou para lhe causar algum mal caso ela aja de outro modo. Para justificar tal coisa, é necessário que se preveja que a conduta de que se deseja demovê-la cause um mal a outra pessoa. A única parte da conduta de qualquer pessoa pela qual ela responde perante a sociedade, é a que diz respeito aos outros. Na parte da sua conduta que apenas diz respeito a si, a sua independência é, por direto, absoluta. Sobre si, sobre o seu próprio corpo e a sua própria mente, o indivíduo é soberano. (MILL, 2010, p.39).

Fazer escolhas envolve, quase sempre, um conflito em maior ou menor grau, porque vivemos em sociedade e por isso precisamos encontrar formas de coordenar os diversos interesses e ações. Estamos sempre fazendo escolhas, quer queiramos ou não. Precisamos escolher se vamos levantar da cama pela manhã, o que tomar no café, se vamos de carro, de ônibus ou a pé para o trabalho, em qual restaurante vamos almoçar e o que comer, se vamos ao supermercado hoje ou amanhã, ou que roupa usar em cada ocasião diferente. Além dessas escolhas mais prosaicas, também temos que fazer escolhas que definem aquilo que queremos ser na vida, como a profissão, a universidade, o casamento, a sexualidade, a escola dos filhos. Não podemos não fazer escolhas e escolher não escolher nada já que, ainda assim, isto é uma escolha. Pois, no momento em que escolho não fazer nada, disso não se segue que eu não farei nada, a menos que me suicide.

Voltando às diferenças, características parecidas podem manifestar-se em vários indivíduos de uma mesma sociedade. Assim, tais indivíduos podem se sentir inclinados a fundar uma comunidade que acolha todos os indivíduos portadores da mesma característica que os diferencia dos padrões e normas vigentes numa dada sociedade. Desse modo, os indivíduos que antes eram diferentes enquanto membros de uma cultura que não acolhe tal diferença,

tornam-se iguais do ponto de vista da comunidade que fundaram, e podem sentir-se como compartilhando o mesmo sentimento de pertencimento a um grupo mais adequado às suas demandas sociais, políticas, culturais ou fisiológicas. Se por um lado isso possa representar um alento para o indivíduo que antes sentia-se excluído do convívio social, por outro pode representar também a perda daquilo que o tornava único. Além da possibilidade do surgimento de conflitos de nova ordem, pois os membros de uma comunidade não são semelhantes sob todos os aspectos. Pode ser o caso de haver uma única diferença que todos compartilham e que os unem, e várias outras que os distanciam. Por exemplo, a comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros), tem como principal característica, sobre a qual ela se funda, as diferenças de gênero e a reivindicação dos direitos civis aos indivíduos dessa comunidade. À parte isso, ainda restam as diferenças de crença religiosa, política e cultural. Diferenças que podem não ser compartilhadas entre todos os membros da comunidade. Desse ponto de vista, a ideia de comunidade pode representar uma ameaça às individualidades e apresentar a mesma característica normalizadora da cultura dominante da qual se desejava desvincular-se.

Quem por acaso for médico, mas também homossexual, e além disso tocar bateria aos fins-de-semana numa banda com amigos só por diversão, tem de abandonar todas as suas especificidades como ser humano complexo, e passar a ver-se a si próprio apenas ora como membro igual aos outros da comunidade homossexual, ainda que quase não conheça nem tenha amigos também homossexuais, ora como membro da comunidade de médicos, ainda que procure limitar o contato com os seus colegas porque não tem grande coisa em comum com eles. (MURCHO, 2016, p.11).

Portanto, a ideia de comunidades pode representar um risco para a individualidade dos cidadãos. Contudo, as comunidades também podem ter aspectos positivos. Um deles é o de ser uma maneira relativamente eficaz de luta por direitos sociais e civis. A luta da comunidade LGBT pelos seus direitos civis representou um capítulo importante na história da cultura de vários países, assim como, na história particular de cada membro da comunidade. Hoje, vinte e dois países em todo o mundo aceitam a união homo afetiva como uma prática legal prevista nos anais da lei. Tal conquista, representa a liberação de milhares de indivíduos, que viviam enclausurados dentro de uma cultura dominante que usurpava seus direitos civis e humanos. O primeiro

representando as leis e o segundo representando a liberdade de pensamento, de expressão e de igualdade perante a leis.

Se uma determinada cultura dominante não acolhe no seu seio as diferenças de expressões de alguns indivíduos, esses indivíduos podem agrupar-se em novas associações, para reivindicar os seus direitos. Isto é previsto no artigo XVIII, XIX e XX da declaração dos direitos humanos das Nações Unidas, promulgada em 10 de dezembro de 1948.

Artigo XVIII - Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular.

Artigo XIX - Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Artigo XX - Todo ser humano tem direito à liberdade de reunião e associação pacífica. (ONUBR, Nações Unidas do Brasil)

Muitas vezes essas associações podem configurar-se em novas subculturas. Como é o caso da subcultura surda, da subcultura LGBT, dentre outras. Assim, mesmo nessas subculturas de resistência à cultura dominante, podem surgir outros subgrupos, políticos, religiosos ou artísticos. Tendo em vista estas considerações, nota-se que não existe uma cultura universal sob a qual se subsumir todas as diferenças dos indivíduos. Tampouco a cultura é algo estática, mas ao contrário, é dinâmica, e pode transformar-se, na medida em que os próprios indivíduos com semelhantes diferenças organizam-se de modo a valorizá-las e a reivindicar a sua legitimidade. Logo, um determinado grupo de indivíduos, uma comunidade ou associação pode influenciar na cultura dominante, modificando-a, flexibilizando-a, estabelecendo assim um diálogo entre as culturas.

Contudo, pode sempre acontecer de uma cultura querer sobrepor-se a outra, reivindicando para si maior importância. Mill percebeu que a sociedade pode exercer um controle sobre os indivíduos ainda pior do que aquele exercido pelos governos, por não ser explícito. A este tipo de pressão social, ele chamou de ditadura da maioria. “Conseqüentemente, o povo pode desejar oprimir uma parte do povo e são tão necessárias precauções contra isto, como contra qualquer outro abuso de poder”. (Mill, 2010, p.32).

A sociedade continua a exercer uma pressão normalizadora sobre os seus membros, forçando-os mais explicitamente ou menos a conformarem-se ao que é visto como normal, aceitável ou desejável, ao invés de ajudá-los a descobrir o que os apaixona e contribui para o seu próprio florescimento. Ao invés de se acolher o que Mill chama de *experiments in living* – experimentar diferentes formas de viver – persiste a obsessão doentia de usar a pressão familiar, da escola e dos meios de comunicação para tentar fazer toda a gente mais igual a toda a gente. (MURCHO, 2016, pág. 11).

Os mecanismos através dos quais a sociedade pressiona os indivíduos a obedecerem uma norma de conduta estão implícitos nas instituições sociais como a família, as escolas e a mídia, como os programas de televisão e as novelas por exemplo. Consistem assim numa vigília e controle exacerbados sobre a vida alheia, especialmente no que tange às práticas corporais consideradas subversivas, por contrariarem os hábitos e os costumes vigentes. Assim, para que a cultura exista, seja ela qual for, faz-se necessário submeter todos os corpos a uma mesma regra.

Sob este ponto de vista, se há uma submissão de todos os corpos a uma mesma regra, então acontece uma tentativa de igualar esses corpos. Se há uma tentativa de igualar esses corpos, então há uma tentativa de acabar com as diferenças. Se, se acaba com as diferenças, então se acaba com a liberdade social e civil. Se, se acaba com a liberdade social e civil então se acaba com a possibilidade de expressão dessas diferenças, impedindo o indivíduo de exercer, aquela que talvez seja a nossa principal característica, ou seja, a capacidade de sermos portadores de algo que é único de cada um, a saber, a individualidade. Logo, se, se subsumi todos sob as mesmas regras, não há expressões individuais, mas uma expressividade coletiva mediada pela lei e pela cultura, sob o risco de soar falsa, ou seja, uma ditadura social. Se esta leitura fosse feita pelo olhar sociológico de Durkheim, falar-se-ia sobre a imposição normativa de uma consciência coletiva, que está acima das expressões individuais e condiciona o comportamento dos indivíduos, através dos padrões impostos pelas instituições sociais, a saber: a igreja, o Direito, a cultura, a moda, a tecnologia, dentre outros (RODRIGUES, 2001).

Alguém poderia perguntar o que tem os sentidos a ver com a cultura. Ora, tem muito a ver uma vez que os sentidos são os mecanismos de percepção do corpo, e como vimos, o corpo incorpora as regras, valores e princípios da cultura, através dos sentidos externos do corpo. Como bem

observa Daolio, “Que a estrutura biológica do ser humano lhe permite ver, ouvir, cheirar, sentir, pensar, e a cultura lhe forneceria o rosto de suas visões, os cheiros agradáveis ou desagradáveis, os sentimentos alegres ou tristes, os conteúdos do pensamento”. (DAOLIO, 1994, pg.35). Assim o corpo assume um papel fundamental para todas as esferas da vida do ser humano. Se por um lado ele pode ser forjado pela cultura, no que tange à maneira como expressa os valores e princípios dessa cultura, por outro, ele também pode fazer o movimento inverso, ou seja, ele pode sentir quando há uma inadequação à determinada cultura e expressar valores e princípios contrários aos ditados por aquela cultura que o oprime. Isso porque o corpo não é algo autômato como um robô, o corpo sente e conseqüentemente pensa e reage.

## **9 A santíssima trindade do corpo**

O ser humano vive entre duas dimensões da realidade, uma dimensão exterior e outra dimensão interior. Assim, vive entre o que está fora do seu corpo e o que está dentro do seu corpo. Os sentidos do corpo são a ponte que liga essas duas dimensões da existência. O corpo é um palco itinerante onde acontecem os dramas, as tragédias, as comédias, as ficções e os romances da vida humana.

Muitas vezes no dia-a-dia acontecem coisas sobre as quais não paramos para refletir, porque estamos tomados pela correria e pela agitação da vida moderna. Não é raro que alguns acontecimentos nos passem despercebidos, não porque não os vemos ou ouvimos, mas porque não lhes atribuímos importância pensando que o assunto não nos diz respeito e é um problema dos outros. Mas, como vivemos em sociedade, tudo o que acontece nela diz respeito a todos os seus membros. Pensar que um determinado problema não é da nossa conta, porque não está acontecendo conosco é um erro que precisa ser remediado.

A maioria das pessoas estão acostumadas a viver de maneira automática, como se fossem máquinas, e se esquecem que são de carne e osso e que, diferentemente das máquinas com as quais dividimos o espaço, nós temos um tempo de vida limitado e um dia morreremos. Essa é a única verdade em toda a vida do homem para a qual a falsidade não é uma

possibilidade, e apesar disso, vivemos como se fossemos imortais. Buscamos desvendar as verdades eternas e imutáveis do cosmos, enquanto que, a morte, a única verdade eterna e imutável que já conhecemos de partida, logo nos primeiros anos de vida, é negligenciada todos os dias. A aceitação da nossa finitude representaria, talvez, uma vida muito mais feliz.

O ser humano pode ser comparado a uma máquina na medida em que tem um cérebro programável. A nossa programação inicia-se no dia que nascemos e, aos poucos, vamos incorporando os princípios e valores da cultura na qual nascemos, sem maiores questionamentos. Fomos acostumados, desde pequenos, a seguir um padrão, um modelo, ou se preferirmos, um programa, que é ditado pelo ritmo e estilo das sociedades modernas. A experiência prosaica que podemos ter através dos sentidos pouco pode influenciar os nossos hábitos e costumes, de modo a propiciar uma mudança de perspectiva. Isso porque, na experiência prosaica, os conteúdos da experiência são fornecidos pela cultura e os conteúdos de ordem natural, como o contato com a natureza, ficam relegados aos curtos períodos de férias do trabalho ou da escola. Assim, o ser humano tem um grande problema para resolver, pois não vive a sua própria dimensão interior e tampouco na dimensão exterior, na medida em que esta dimensão, para muitas pessoas, representa uma condição de submissão a regras, valores e princípios, que não são exatamente os seus próprios. Ainda que muitos indivíduos não tenham completa consciência desse fato, a grande maioria de nós vive sob uma tirania social que já dura milênios. Para ver que isso é assim, basta observar ao longo da história dos povos até os dias de hoje, como as elites de cada época, nas sociedades ocidentais, buscaram submeter os seus concidadãos às regras e leis, segundo as suas próprias preferências e vontades pessoais. Romper com essa tirania mostrou-se uma tarefa quase impossível, visto que os mecanismos de controle estão espalhados pelas instituições sociais, políticas, culturais, familiares e religiosas. Dessa forma, a experiência prosaica pouco pode fazer para nos ajudar a fugir desses controles, pois está totalmente condicionada por eles.

Contudo, o ser humano não é uma máquina e é capaz de perceber quando há uma inadequação entre o dentro e o fora, ou seja, quando a realidade do mundo exterior na qual vive, não vai de encontro aos seus anseios

mais íntimos. Ele pode perceber essa inadequação graças à sensibilidade e à inteligência do seu corpo. Quando essa inadequação é percebida, se segue um conflito, que se manifesta no corpo do indivíduo, aquilo a que chamamos de crise existencial. As consequências de tal crise, podem ser desastrosas para alguns indivíduos, especialmente na juventude. A história está cheia de exemplos de pessoas jovens que se mataram, por não conseguirem superar a inadequação entre o dentro e o fora. Os manicômios e hospitais psiquiátricos ainda seguem cheios de pessoas que tiveram a sua vida esfacelada por essa “inadequada ação”. Nunca se falou tanto em depressão como nos dias atuais.

Felizmente, há um tipo de experiência que pode romper com estes controles sociais e reconectar o indivíduo com o seu elo perdido, ou seja, com a sua dimensão interior. Estou me referindo à experiência artística, e falo baseado na minha própria experiência com a arte. A arte libertou-me da tirania na qual vivi desde a mais tenra idade, e graças a ela sobrevivi até os dias de hoje. Não pretendo aqui fazer um relato pormenorizado da minha triste experiência com a religião, mas sinto-me inclinado a mencionar alguns dados pessoais, como forma de justificação ao que foi dito acima.

Nasci numa família católica e sou o filho do meio de uma prole de cinco irmãos, sendo três homens e duas mulheres. Desde cedo aprendemos que tudo aquilo que vivemos aqui, sejam alegrias ou tristezas, é um desígnio divino. Assim, devíamos observar os preceitos da fé católica, agradecer a Deus pela vida, por mais miserável que ela fosse, e aguardar pacientemente o dia do juízo final, quando enfim todo o sofrimento cessaria e a vida seria uma felicidade sem fim num paraíso celeste. Nesse meio tempo, devíamos nos submeter às vontades e caprichos divinos. Para o meu azar ou sorte, nasci com uma orientação sexual diferente daquela aceita pela sociedade. Ao notar esse fato da minha natureza, meu avô paterno, passou a insinuar aos meus pais que eu nascera com vocação ao sacerdócio. Uma forma polida, de dizer que eu era gay e que o melhor era que escondessem esse fato da sociedade internando-me num seminário para me tornar um sacerdote. Contudo, meu pai tinha outros planos para mim, ele desejava que eu fizesse carreira na política. Assim sendo, nem o meu avô nem o meu pai viram os seus desejos realizados. Mas mesmo assim, o temor a Deus era algo do qual jamais poderíamos prescindir. Imaginem, sendo gay o que isso representou na minha vida. Uma

completa inadequação entre os meus desejos e os desejos divinos. Dessa forma, fui assimilando todo um repertório de gestos e atitudes que não condiziam com a minha vontade.

Desde pequeno, demonstrei inclinação para as artes, e todas as linguagens artísticas me eram fascinantes. A primeira, que se manifestou foi o desenho. Tinha uma habilidade inata para desenhar e passava horas desenhando tudo o que via. Depois, já no ensino fundamental, desenvolvi o gosto pela poesia, e não perdia uma oportunidade de recitar algum poema nas horas de comemorações cívicas na escola. Passava mais tempo na companhia dos livros do que das pessoas, fosse em casa ou na escola. Meus pais, ao perceber tal aptidão tratou de estimulá-la presenteando-me com os clássicos da literatura infanto-juvenil, e permitiram que eu dedicasse mais tempo aos estudos, do que ao trabalho na roça, que ficava em grande parte a cargo dos meus outros dois irmãos. E assim, pude desfrutar em silêncio da minha própria dimensão interior, repleta de sonhos e desejos inconfessáveis.

No entanto, à medida que fui crescendo, cada vez mais fui sendo solicitado para participar do convívio social através dos cultos e acontecimentos religiosos, dos quais participavam toda a minha família. Esse fato mostrou-se por um tempo aprazível, pois era a única oportunidade que dispunha para desfrutar um pouco da companhia de outras pessoas, que não fossem da minha família. Mas, logo surgiram conflitos entre a cultura religiosa e aquilo que eu era por dentro e que era obrigado a esconder das outras pessoas, causando-me um grande desconforto, sem falar no sofrimento e no isolamento. A princípio, busquei adequar-me, me tornei mesmo outra pessoa, diferente daquele que tivera que se esconder num refúgio interior, para que esse outro pudesse tomar o seu lugar. Tentei mesmo viver, segundo os preceitos divinos e da sociedade, mas os conflitos atingiram um nível crítico e por mais de uma vez pensei que a única saída fosse o suicídio. Pensamento sombrio, que me assolava nas horas de completo desamparo. E por mais que eu soubesse que os meus pais me amavam, não sentia confiança o bastante para confessar-lhes o meu desencanto com o mundo. E assim, buscava disfarçar de todas as formas os meus verdadeiros sentimentos perante a sociedade.

Apesar de tudo, ingressei na universidade aos dezessete anos para cursar letras, embora, o que eu realmente desejava era estudar artes plásticas. Àquela altura, já trabalhava, numa pequena loja de tecidos como vendedor, onde pude desenvolver uma antiga paixão o desenho. A loja, dispunha de um estilista, um profissional da moda, o qual era encarregado de fazer um desenho de um modelo específico do vestuário para que a costureira pudesse ver e executar a roupa seguindo as indicações do desenho. Assim, aproveitei para observar e aprender com ele a arte desse ofício. E quando ele deixou o cargo, pude substituí-lo sem grandes dificuldades. O ofício de estilista, era e ainda é uma profissão que sofre do mal dos estereótipos e por isso não era bem aceito pela minha família e pelos outros, que não perdiam a oportunidade de fazer chacota. Decidi assim abandonar a universidade e mudar-me para a capital, afim de aperfeiçoar os meus conhecimentos de moda. E assim o fiz, porém, sem o conhecimento dos meus pais, que só souberam da minha decisão quando eu já havia sido admitido no curso de estilismo da faculdade de belas artes da UFMG. Desse modo, eu tinha algo para dar-lhes em substituição ao curso que decidira abandonar, o que fez com que aceitassem mais facilmente, mas não sem resistência a decisão de me mudar para outra cidade.

O capítulo que se segue a essa mudança de endereço, mudou completamente os rumos da minha vida. Longe dos olhos da família e dos conhecidos, pude aos poucos ir saindo do esconderijo interior no qual havia me refugiado. Além do fato de estar longe da cultura na qual nasci, atribuo tal libertação ao contato que tive com os artistas e com as artes naqueles anos na escola de belas artes. Pois, por mais longe que estivesse dos meus pais, a sociedade da capital mineira não diferia em quase nada da sociedade provinciana do interior de Minas Gerais.

O contato com as artes e a possibilidade de estudar desenho de moda, encheram-me de entusiasmo, e uma esperança de felicidade tomou conta de mim. Além disso, descobri que haviam mais pessoas com a mesma orientação sexual que a minha que se assumiam perante a sociedade e eram de vera felizes. A partir de então, experimentei outras linguagens artísticas como o teatro, a música, e a dança. A experiência artística e o convívio com outras pessoas com a mesma orientação sexual, me fizeram perceber que apesar dos anos de repressão religiosa, ainda era possível realizar os sonhos e paixões da

infância e adolescência. A partir de então, gradativamente, a dimensão interior foi se harmonizando com a dimensão exterior, e embora ainda houvessem conflitos, eu fui adquirindo maior autonomia e controle sobre eles e sobre mim mesmo. A constante busca em harmonizar cada vez mais aquilo que sou com aquilo que a sociedade quer que eu seja, trouxe-me a esse exato momento em que narro estes fatos pessoais no meu ensaio final do curso de filosofia da UFOP. Afinal, como mencionei anteriormente, as principais ideias e argumentos desta tese são o resultado de todas as experiências vividas no decorrer da minha própria vida. Caso as minhas próprias experiências não sirvam como justificção de tais ideias, menos ainda servirá a experiência alheia.

Por experiência artística, entendo não apenas a experiência que alguém possa ter ao contemplar um quadro, ver uma peça de teatro ou assistir a um filme. Além disso, me refiro à própria prática artística, ou seja, a experiência de produzir um trabalho artístico. Tais experiências permitem não somente aos sentidos desenvolverem-se, mas a própria noção de realidade do indivíduo sofre transformações. Isto porque o caminho da arte é uma via de mão dupla, permitindo que tudo que entre também saia, porém sairá transformado pelo olhar do artista. A arte é capaz de sensibilizar porque apela à imaginação dos indivíduos. Conseqüentemente o indivíduo passa a ver o mundo não apenas como ele é de fato, mas como ele poderia ser, e isso muda tudo. O mundo como ele poderia ser, passa a ser uma possibilidade, ainda que num plano muito distante. E a isso chamamos de esperança.

Isto posto, a visão daquilo que está fora, a qual chamei de visão sensível, através da experiência transformadora da arte, possibilita que o indivíduo desenvolva uma visão interior, a partir da reflexão dos seus sentimentos, emoções e conceitos sobre o mundo exterior, à qual chamei de visão inteligível. Com a visão sensível ele pode ver as cores e as formas, sentir os cheiros, sabores e texturas do mundo, através dos sentidos. Com a visão inteligível ele poderá interpretar os dados que o sentido lhes fornece, dando um sentido para eles. Quando esse movimento é intermediado pela arte, qual seja, a passagem da visão sensível para a inteligível, o sentido atribuído aos objetos do mundo é um sentido muito pessoal, carregado de um significado próprio, que foi elaborado a partir de uma mudança na perspectiva que o indivíduo tinha

do mundo. Tal mudança de olhar aqui descrito, pode ser propiciado por qualquer outra atividade intelectual à qual alguém se dedique. No entanto, acredito que a arte tem um grande diferencial que pode ser vantajoso. Nas práticas artísticas, o olhar do indivíduo é guiado pela imaginação e não pela razão. Se é guiado pela imaginação, ele se permite ir muito mais longe na sua interpretação do mundo. A imaginação permite que façamos um tipo de associação entre as ideias, de um modo diferente da associação de ideias que fazemos por meio da razão. Através da imaginação fazemos associações de ideias, por meio de representações imagéticas de coisas que não necessariamente existam, muitas vezes tais coisas só existem na imaginação da mente que as concebe. Enquanto as associações que a razão faz entre as ideias, são de natureza lógica, científica e matemática, e não permitem os devaneios imaginativos do artista.

Dessa maneira, os artistas são mais livres do que os cientistas nas suas representações, porque não precisam se limitar ao caráter consensual, ao qual as representações científicas estão sujeitas. O artista não depende ou não pode depender do consenso de um grupo de artistas sobre aquele objeto que deseja representar, ou sobre a técnica que utilizará. Além disso, as representações artísticas estão livres dos juízos de verdadeiro ou falso, aos quais estão submetidas as representações científicas. Ao contemplarmos uma obra de arte não nos perguntamos se aquela representação é verdadeira ou falsa, mas ao contrário, deixamos a imaginação correr solta, por estarmos cientes de que tais juízos são inadequados para a apreciação artística. Estando livre destas categorias, a mente abre-se às múltiplas possibilidades de interpretação da obra, em vez de limitar-se a apenas duas possibilidades. Então, nas representações artísticas a mente vê-se livre dos grilhões da lógica e do raciocínio, que dependem do encadeamento lógico e coerente das ideias.

Especialmente, na contemporaneidade, quando a arte se desvincula totalmente da mimêsis<sup>8</sup> o artista também se liberta dos ditames que outrora regiam os rumos das representações artísticas. Quando a arte deixa de ser uma imitação do mundo real e passa a ser a expressão das emoções e sentimentos do artista, a arte liberta-se do seu cativeiro. Tal cativeiro consistia

---

<sup>8</sup> Termo grego para “imitação”. Segundo Platão, as artes imitam o mundo real.

na noção fundada por Platão<sup>9</sup> de que a arte é uma expressão inferior e inadequada por ser uma mera cópia da realidade, e que por esse motivo não poderia conter nada de essencial. A arte não reivindica uma lógica de pensamento, ou uma prova científica, tudo o que a arte reivindica é liberdade de criação.

Há, contudo, nesse ponto de se fazer uma diferenciação entre a arte, enquanto o ato de criação e a crítica que se faz das obras de arte. Na medida em que os artistas não se deixam guiar por princípios lógicos e matemáticos, a arte está livre para extrapolar os limites estabelecidos pela razão, indo para além daquilo que alguns críticos consideram como sendo uma obra de arte. A arte contemporânea nos fornece os exemplos mais bizarros desse tipo de arte, que muitas vezes nos deixam perplexos, ao notar o quão longe a visão de um artista pode enxergar.

Outra coisa muito diversa é a crítica que se faz das obras de arte. Filósofos e críticos de arte buscam elucidar os conceitos que norteiam as práticas artísticas, que por sua vez, não se deixam guiar por tais críticas. “As exigências de clareza e rigor pelas quais o método analítico se notabilizará pareciam descabidas para a linguagem da arte, que é por natureza plurissignificativa, ambígua e vaga”. (D’OREY, 2007, p. 11). Então, um grupo de filósofos de tradição analítica<sup>10</sup> empreenderam o projeto de dar conta dos casos mais bizarros observados nas artes, especialmente da segunda metade do século XX.

O ponto ao qual desejo enfatizar é que existe uma diferença fundamental entre estas duas práticas, ou seja, a criação artística e a crítica da arte. A criação artística, enquanto o produto de uma subjetividade, não se baseia nos desejos de objetividade da razão. Mas, ao contrário, está livre para romper com o discurso racional, por se tratar das fantasias do artista. A razão, por sua vez, pode querer dar explicações lógicas e estabelecer definições para a arte em termos de condições necessárias e suficientes que decorram da sua natureza. Se estas críticas ou definições serão bem-sucedidas, já é uma outra história. Isto posto, não pretendo com isto, oferecer uma definição de arte, mas

---

<sup>9</sup> (427-347 a. C.) Filósofo grego, uma das figuras mais importantes da filosofia ocidental.

<sup>10</sup> Desenvolvida no século XX, é caracterizada pela valorização da clareza e precisão argumentativa, utilizando-se da lógica formal, análise conceitual e, em alguns casos, da matemática e ciências naturais.

apenas discernir entre o ato criativo e o ato crítico, que precisa ser observado para continuar garantindo aos artistas o direito adquirido ao longo de séculos, a saber, o direito à liberdade de criação.

Liberdade de criação, que, no entanto, penso que deverá observar ao princípio aqui já mencionado, conhecido pelo princípio do dano<sup>11</sup>, no qual o estado ou a sociedade só tem justificação para interferir na vida privada de alguém, caso a ação que este alguém tem em mente causar algum dano aos outros. Nesse caso, se a obra de arte que um artista conceba cause algum dano moral a alguém ou a algum povo.

Para o alvo que tenho na mira, estou interessado numa linguagem específica da arte, a dança. Primeiro, por ser aquela à qual tenho maior apreço. Segundo, por ser aquela que melhor percebo a mim mesmo, aos outros e ao mundo. “Na dança, o corpo é o instrumento. Tudo acontece dentro dele e através dele”. (PEREIRA, 2014, p.29). No dia-a-dia experimentamos uma gama de emoções e sentimentos que encontram expressão através do corpo, mesmo que não estejamos completamente conscientes disso. “Um gesto ou uma mímica, a tensão ou relaxamento do corpo ou partes dele, um sorriso, um piscar de olhos, uma mudança na qualidade da respiração, estão entre as reações comuns que encontramos” (PEREIRA, 2014, p.30).

Nas sociedades modernas ocidentais cria-se uma barreira entre o indivíduo e o seu corpo, a saber, a cultura. Ao separar-se do seu corpo, o indivíduo não o percebe mais como a realidade mais tangível e indispensável de si mesmo; como parte daquilo que nos constitui seres humanos do qual não podemos nos separar. No cotidiano, o encontro entre o mundo interior e o mundo exterior se dá por meio do movimento. Somos estimulados através dos órgãos do sentido e respondemos de algum jeito com o nosso corpo. Os órgãos do sentido causam uma impressão no corpo, que causa uma ideia ou pensamento, que causa um sentimento ou emoção, que por fim causa um movimento, ou se preferirmos uma ação. É interessante notar que todo o processo tem seu início e fim no próprio corpo.

Por ser um meio de expressão artística que tem como seu princípio fundador o movimento, a dança se aproxima em muito dos nossos gestos e

---

<sup>11</sup> Vide pág. 37 deste ensaio.

movimentos mais prosaicos. Assim, como também das emoções e sentimentos que geram tais gestos e sentimentos. A tirania social e religiosa contra os gays ou o problema da violência contra as mulheres, poderiam ser temas usados para compor uma coreografia<sup>12</sup>. Na medida, em que os sentimentos encontram expressão no corpo através do movimento, com um pouco mais de imaginação, poderíamos interpretar todo o movimento que vemos à nossa volta como sendo uma grande coreografia. Muitos dos movimentos da dança se inspiram nos movimentos do cotidiano e são motivados, muitas vezes, por sentimentos muito semelhantes àqueles que se expressam no corpo cotidiano.

Na dança, “o instrumento usado e a forma buscada se tornam idênticos no momento do acontecimento: *existe enquanto acontece*” (PEREIRA, 2014, p. 39). Em outras palavras o corpo é criador e é também a criação. Além disso, a dança, enquanto obra de arte, só existe no momento em que acontece.

Na dança, o corpo vibra como as cordas de um violino ou de um violão. Aquilo que o faz movimentar-se são os sons de uma música, as palavras de um poema, as vibrações de um sentimento, as leis rítmicas de um pensamento ou o fluxo de uma energia cósmica. Com ou sem estímulo exterior, o ser humano se envolve na dança totalmente, com toda a multiplicidade do seu ser. O essencial na dança não é um objetivo, um resultado, mas a própria vivência no momento de seu acontecimento. O resultado só ganha sentido, quando relacionado à intensidade da vivência. Se há vivência, a forma correspondente surge por si mesma, espontaneamente. (PEREIRA, 2014, p. 39).

Na dança, dentro e fora se relacionam de forma dinâmica e o corpo dança sobre o ponto que liga estas duas dimensões da existência humana. Desse jeito, atua simultaneamente nestas duas dimensões, ou seja, ele é transformado pelo seu contato com o ambiente e transforma-o com a sua dança. De que forma? Ora, a dança enquanto expressão artística, livre das regras e estilos do passado, pode propiciar ao seu espectador uma experiência muito diversa daquilo que ele entende por dança, ampliando assim, além das noções de dança, movimento, espaço e tempo que ele conheça, a sua própria expressão corporal, caso ele decida-se por ter aulas de dança.

O movimento é inquestionavelmente um dos princípios que rege a natureza, pois tudo o que vive se movimenta. Todo o universo está num fluxo constante de movimento. Dito isso, quando nos movimentamos, seja na dança,

---

<sup>12</sup> O termo coreografia, veio do termo grego “*choreia*” (dança) e “*grafhein*” (escrita), significando a arte de criar e compor uma dança. Na arte da coreografia, levam-se em conta as dimensões do espaço, o tempo, o ritmo, a música, o corpo e os efeitos sonoros.

seja no dia-a-dia, somos conduzidos por um princípio universal, que nos conecta com tudo aquilo que vive e que se move. Quando dançamos intensificamos não apenas os movimentos naturais do cotidiano, mas a própria ação deste princípio universal.

Se a dança é a intensificação e expressão das experiências da vida por meio dos movimentos do corpo, então o corpo é o meio de expressão da dança e da vida. Se o corpo é o meio de expressão da dança e da vida, então o corpo se torna uma obra de arte viva. Logo, a dança é uma obra de arte viva. Todas as outras expressões artísticas também dependem do corpo para acontecerem. O que é fascinante na dança é que o corpo se torna uma obra de arte viva. Por isso a dança é uma excelente forma de conhecer a si mesmo, pois pode intensificar as vivências prosaicas, que por sua vez, também encontram a sua expressão no próprio corpo. Nas outras artes, pintura, escultura, arquitetura, música, literatura, cinema, com exceção do teatro e da performance, a representação criada é diferente do corpo que as criou. Então, por exemplo, o quadro que é a representação criada é diferente do corpo que o pintou. Na dança criador e criatura são a mesma coisa. Além disso, eu acrescentaria que na dança, além da representação e do instrumento serem idênticos, há um outro aspecto que se iguala à representação e ao instrumento, a saber, a experiência que os artistas tiveram ao criar suas obras. Me refiro à experiência prévia ao momento do acontecimento. Então, usando o mesmo exemplo anterior, o quadro que é a representação criada é diferente do corpo que o pintou, que também é diferente da experiência que este corpo viveu ao pintar o quadro. Na dança a representação, o instrumento e (agora acrescentei) a experiência do artista ao criar sua obra, são a mesma coisa, ou seja, o corpo. Eu diria que estes três elementos representam a santíssima trindade do corpo, ou seja, são três elementos em um só “deus”, o Corpo. A analogia com a religião veio mesmo a calhar neste momento, em que exponho os mistérios da minha fé no corpo.

Isto, porém, não significa que a dança é mais importante que as outras artes. Quer dizer, apenas que a dança tem características distintas das outras expressões artísticas. A dança é capaz de religar as duas dimensões da existência humana, ou seja, o dentro e o fora, através do movimento, um dos princípios universais do qual todas as coisas vivas participam. E aqui neste

ponto vou me encaminhando para as considerações finais. Eu poderia continuar escrevendo e certamente o farei numa próxima etapa deste projeto, pois a escrita também é movimento e move as ideias e os pensamentos do corpo na direção das respostas para as suas dúvidas e inquietações.

## **10 Conclusão**

Eis uma tarefa nem um pouco fácil de fazer, tirar conclusões. Pois corremos o risco de tirarmos conclusões precipitadas. Concluir algo pressupõe dar-lhe um fim, encerrar um determinado assunto, interromper um processo, que neste caso, está muito longe de chegar ao seu fim. Há muito mais para saber sobre os sentidos do que talvez sejamos capazes de conceber. Falar dos sentidos é falar da inextricável e complexa relação dos corpos com o mundo, que buscamos esmiuçar, mas que talvez jamais conseguiremos desvendar totalmente. O presente trabalho, na medida em que pretende levantar hipóteses filosóficas, representa este desejo humano de descobrir os segredos desta íntima relação entre o ser humano e a “coisa-em-si”, que talvez repouse invisível bem debaixo dos nossos narizes. Mas, por enquanto, este projeto não passa de um germe que acabou de brotar, cuja semente eram as dúvidas que eu tinha sobre a natureza do corpo e do sentido, que ele encerra dentro e fora de si. Dúvidas que tiveram a sua origem num sentimento de que algo no meu corpo estava fora da ordem e de que as suas peças não se ajustavam às suas respectivas partes. Tal sentimento movimentou todo o meu ser, trazendo-o a este momento, no qual fundei as bases deste ensaio.

Se é a fundação, então dificilmente poderei concluir algo daqui tão certo e útil, que contribua para o avanço das artes, da filosofia, da ciência ou da humanidade em geral. Contribuição que representa para mim todo o sentido mais puro e sincero que uma vida humana pode aspirar. No entanto, apesar do seu caráter embrionário, esta experiência de pensar por mim mesmo sobre assuntos tão controversos e caros já produziu um avanço ou outro no conhecimento deste humilde aspirante a filósofo.

Nessa jornada pelas dimensões nas quais o corpo vive, defrontei-me com algumas ideias dos pensadores mais sagazes que a humanidade já

produziu, dentre os quais destaca-se um em especial. Descartes foi sem dúvida um homem que deu uma grande contribuição à humanidade e esse mérito não lhe podemos negar. Ele fundou as bases do pensamento científico moderno e isso não é para qualquer um. O debate que travei com as suas ideias representa o ápice da minha experiência filosófica até o momento presente. Confesso que o embate com as tais ideias foi uma luta mental difícil de ser travada.

Desde as primeiras leituras, nos anos iniciais no curso de filosofia, impressionaram-me a destreza de pensamento com a qual manejava as suas ideias, e a sua determinada e audaciosa vontade de demonstrar que tais ideias eram verdadeiras. Descartes, expôs não apenas as suas ideias, mas a si mesmo, ao crivo mordaz de leigos e intelectuais da sua época e dos dias atuais. Influenciou a cultura ocidental como poucos homens do seu tempo, pois as suas ideias serviram para justificar a mais controversa e disputada de todas as crenças, a saber, a crença na existência de Deus. Crença que para alguns é tão verdadeira que questioná-la é um absurdo, e que para outros é tão duvidosa, que afirmá-la é um absurdo ainda maior. No entanto, Descartes reuniu grandes esforços para fazer aquilo que julgou ser o mais correto e sensato, que era fundar ele mesmo as bases científicas do conhecimento e provar a existência de Deus. Assim, empreendeu um método próprio para chegar às verdades, que outrora ele fora buscar entre os doutos de todas as épocas.

Se ele foi bem-sucedido ou não é motivo de controvérsias. Do meu ponto de vista, ele foi bem-sucedido sob alguns aspectos e mal-sucedido sob outros. Aspectos que não mencionarei aqui pois encheria muitas páginas. Contudo, há dois aspectos que desejo mencionar. Creio, que muitos concordariam comigo, que o projeto cartesiano era demasiadamente ousado, pois é racionalmente inconcebível que um único homem saiba tudo. Pois o conhecimento assemelha-se a uma corrente humana, onde cada elo da corrente representa um ser humano detentor de um conhecimento específico sobre uma ideia, que quando somados aos demais elos formam a corrente humana do conhecimento. Assim, Descartes seria apenas mais um elo entre os demais. E, nesse sentido, seu projeto fracassa, pois ele sozinho não pode ser toda a corrente.

Mas, por outro lado, a sua inteligência, coragem, força e determinação em cumprir a sua missão impossível merece o mais alto grau de admiração e respeito que lhe podemos dispensar. Tais qualidades devem ser cultivadas por todos aqueles que aspiram um lugar na história do pensamento ocidental, ou de qualquer outro lugar. De forma que sou imensamente agradecido a Descartes, pela inspiração que as suas ideias despertaram em mim. Quanto aos demais filósofos aqui referenciados, todos eles ajudaram-me a ver melhor as minhas próprias ideias, que em última análise, muito deve às ideias preconizadas por eles. Afinal, não somos uma tábula rasa. Devoto a estes ilustres pensadores a minha admiração e respeito.

Quanto ao sucesso ou insucesso das ideias que busquei defender neste ensaio, ainda é muito cedo para saber. Tudo o que posso concluir a partir delas, é que preciso continuar investigando-as, pois ainda há muito trabalho a ser feito até que eu possa concluir algo de fato relevante para o debate sobre os sentidos do corpo. Entretanto, reafirmo a minha fé no corpo, agora mais do que nunca. Tal fé justifica-se pelo fato óbvio de que sem um corpo vivo não há nada para se saber. Pois o corpo é vida e vida é movimento. Se a vida é movimento, então é conhecimento, pois o conhecimento versa sobre a vida em movimento. Logo, o corpo é conhecimento vivo.

## **11 REFERÊNCIAS**

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 1ª ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2006.

COTTINGHAM, John. **Descartes: a filosofia da mente de Descartes**. São Paulo: UNESP, 1999.

DESCARTES, René. **Discurso do método – Meditações**. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

- DANCY, Jonathan. **Epistemologia contemporânea**. Lisboa: Edições 70.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- D'OREY, Carmo. **O que é arte? – A perspectiva analítica**. 1ª ed. Portugal, Dinalivro, 2007.
- GERMAIN, B. Calais. **Anatomia para o movimento**. 1ª ed. Brasileira 2002. Barueri, SP: Editora Manole, 2002.
- HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- MURCHO, Desidério. **Como viver? Manuscritos inéditos, 2017**
- MURCHO, Desidério. **A ética da crença**. 1ª ed. Lisboa: Editora Bizâncio, 2010.
- MILL, J. Stuart. **Sobre a liberdade**. 70 Textos filosóficos, 2010.
- PEREIRA, P. J. Baeta. **A improvisação integral na dança**. Campinas, SP: Editora Medita, 2014.
- RUSSEL, Bertrand. **Os problemas da filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- RODRIGUES, José Albertino. **Émile Durkheim**. 9.Ed. São Paulo: Ática, 2001. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). Cáp. 2 – “O que é fato social? ”.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&M Pocket, 2009.
- SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação**. São Paulo: Paullus, 2004.
- WESTON, Anthony. **A arte de argumentar**. 2ª ed. Lisboa: Editora Gradiva, 2005.
- WOLF, Susan. **O sentido da vida e por que razão é importante**. 1ª ed. Lisboa: Editora Bizâncio, 2011.

#### **Sites:**

**O começo da vida**. Direção: Estela Renner, Maria Farinha filmes, 2016, documentário. Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/> >

CHICON, A. Cláudia. **10 sentidos humanos pouco conhecidos, mas importantes.** Hype Science, 2013. Disponível em: < <http://hypescience.com/10-sentidos-humanos-pouco-conhecidos-mas-importantes/>>

SIMONETTI, Luciane. **Como o cérebro pensa e onde ocorre o pensamento.** Ciência e Cérebro, 2013. Disponível em: <https://cienciadocerebro.wordpress.com/2013/03/10/como-o-cerebro-pensa-e-onde-ocorre-o-pensamento/>

GOLLOP, T. Rafael. **Anencefalia: quanto tempo é possível viver sem cérebro?** 2017. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/voce-sabia/anencefalia-quanto-tempo-e-possivel-sobreviver-sem-cerebro,a5fa00beca2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

Prática de pesquisa. com. br. Blog sobre produção e comunicação científica. Disponível em: < <http://www.praticadapesquisa.com.br/search?q=como+citar+artigos+da+internet&submit=Busca> >

VEJA. Uma bela sinfonia pueril. 2015. Disponível em: < [http://www.abradilan.com.br/index.php?m=noticiaFE&id\\_noticia=561](http://www.abradilan.com.br/index.php?m=noticiaFE&id_noticia=561) >

Declaração Universal dos Direitos humanos. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/> >

IACONELLI, Vera. **O começo da vida.** Maria Farinha filmes, 2016, documentário. Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/> >

SHONKOFF P. Jack. **O começo da vida.** Maria Farinha filmes, 2016, documentário. Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/> >

LOMBARDI, Joan. **O começo da vida.** Maria Farinha filmes, 2016, documentário. Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/> >